

Sala
Gab.
Est.
Tab.
N.º

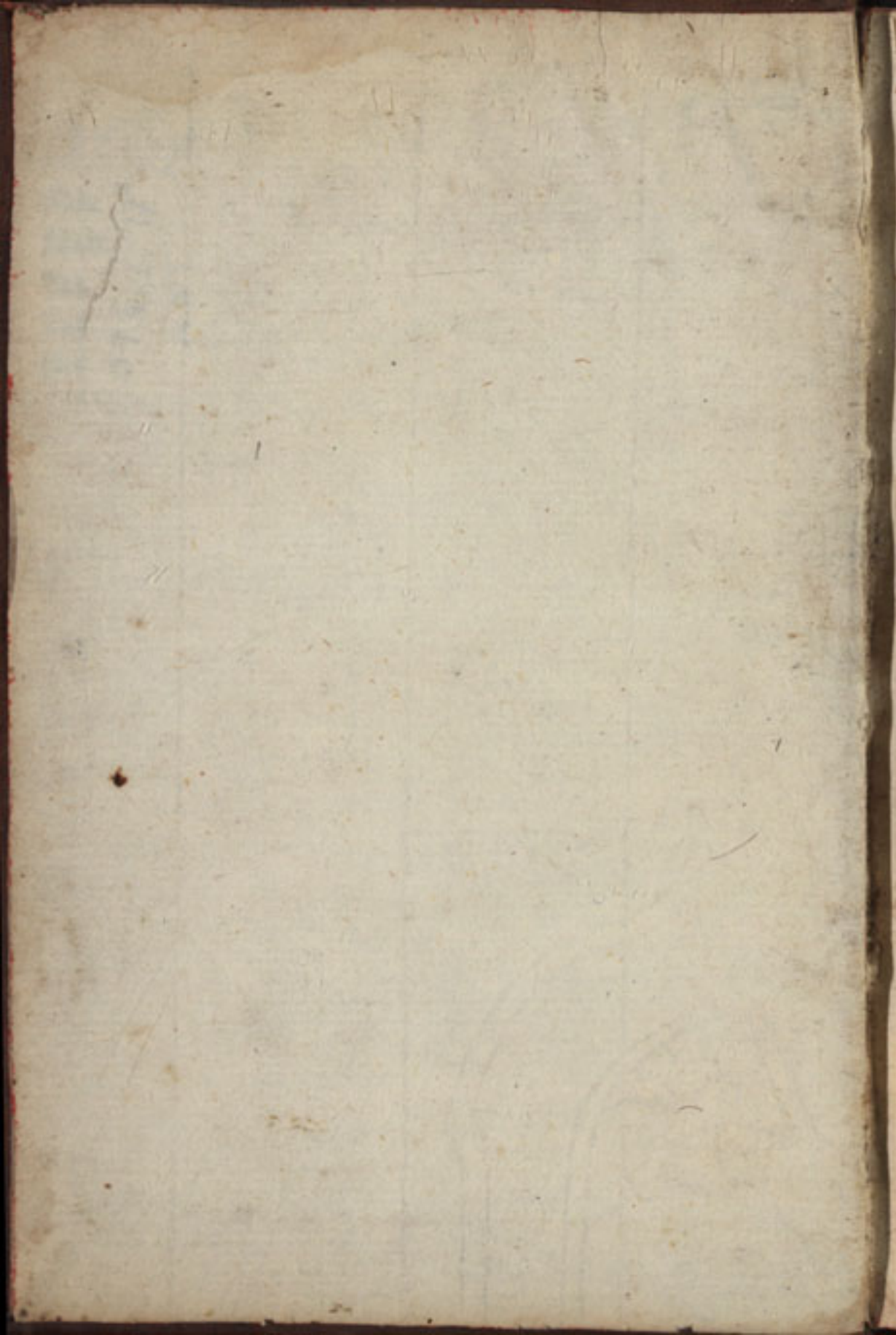
094.5 "17"

ANT

Apr

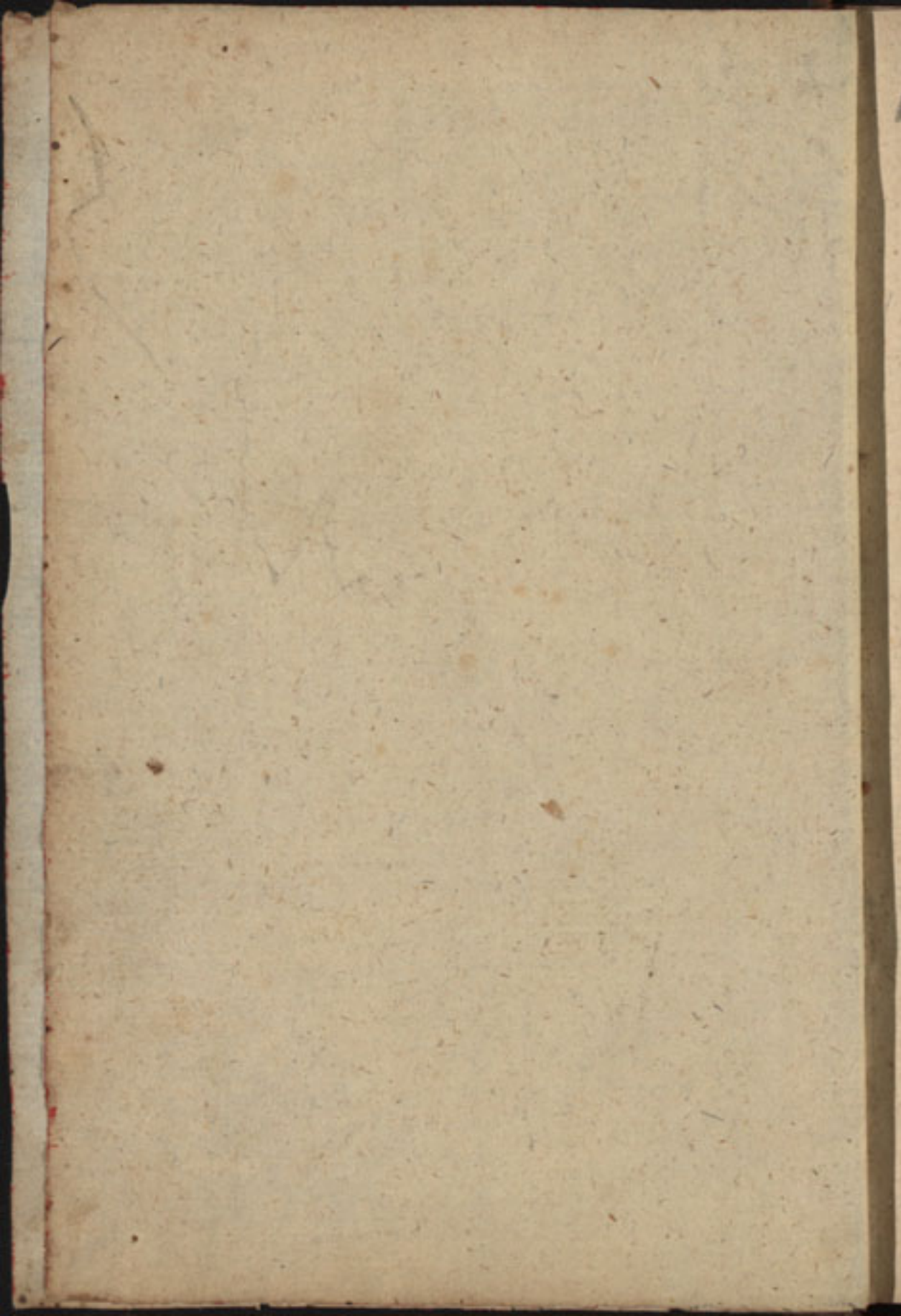
Resp

74-500



PREGADOR

INTRODUCCION



Rep

PREGADOR
INSTRUIDO

147
PREGADOR

INSTRUIDO

O PRÉGADOR INSTRUIDO

Nas qualidades necessarias para bem
exercer o seu Ministerio ;

PRIMEIRA PARTE

Ena Rhetorica Ecclesiastica proporcionada á Eloquentia do Pulpito ;

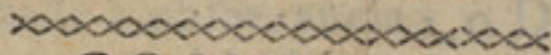
SEGUNDA PARTE

*Obra não só util, mas necessaria áquelles
Ecclesiasticos, que sem maiores estudos ha
pouco exercitaõ, ou pertendem exer-
citar o Ministerio da Prêdica.*

POR

MIGUEL ANTONIO,

Presbitero Secular do Bispado de Coimbra.



COIMBRA:

NA REGIA TYPOGR. DA UNIVERS.

M. DCC. LXXXI.

*Com licença da Real Meza da Commissão Geral
sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

Foi taixado este Livro em trezentos reis
em papel.

Vende-se em Coimbra em caza de
João Pedro Aillaud.



O PRÉCATOR
INSTAURADO

Nas qualidades de... para...
exercer o seu ministério;

PRIMEIRA PARTE

Das... e...
da... de...;

SEGUNDA PARTE

Das... e...
das... e...;

POR

MIGUEL ANTONIO

Advogado de... de Coimbra.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

COIMBRA:

N. R. da... da...;

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Em... de... de...;

Por... este... em...;

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX



PROLOGO.



Sendo a Prédica hum modo de falar publicamente aos Póvos sobre os negocios mais interessantes, assim pelo que diz respeito a Deos, como pelo que pertence aos homens, ella por isso mesmo deve ser hum modo de falar claro, puro, solido, elegante, verdadeiro, efficaz, e persuazivo. O mesmo lugar, em que o Prégador fala; a mesma Lei Santa, de que elle persuade a observancia; o Dogma, cuja crença inculca; os costumes, cuja pureza elle intíma; a salvação das Almas, que elle promove; a honra do mesmo Deos, que elle pretende, e zéla; tudo está pedindo no Orador Evangelico modo de falar distincto, huma elegancia verdadeira, e sólida, que convença os entendimentos, que abale

le os interiores, que toque, e fira os corações, e que mova as vontades.

Mas não he isto o que se observa ordinariamente em nossos dias: a infelicidade dos tempos faz ver, que muitos Oradores (os quaes com razão devem antes ser chamados *Pregoeiros da sua propria ignorancia*) falaõ nos Pulpitos não sómente sem efficacia, mas ainda mesmo por hum modo indigno do lugar, e do Ministerio. Eu seria fastidioso, se aqui fizesse menção especifica do que tenho observado infinitas vezes: e só me contento com dizer, que he mágoa ouvir o que muitos, chamados Oradores, dizem nos Pulpitos; e o modo, com que o dizem. E tendo eu feito sobre isto algumas reflexões, não pude deixar d'attribuir tantos defeitos, e taõ consideraveis, á falta das qualidades necessarias ao Orador. N'esta suppozição rezolvi-me a discorrer sobre as mes-

mesmas qualidades essencialmente necessarias para o Ministerio da Prédica. Em primeiro lugar escrevi por curiozidade minha: e por ultimo tencionei dar ao Público esta breve Instrucção, lembrando-me, que poderá servir d'alguma utilidade áquelles, que sem maiores estudos intentaõ expôr-se ao Ministerio, ou o exercitaõ já sem aquella premeditação, com que deviaõ preparar-se. Protestando, como protesto, que não he o meu intento dar noções novas áquelles Oradores consummados, que sabem melhor, que eu, o verdadeiro methodo de prégar com fructo.

Divido esta piquena Instrucção em duas Partes: a primeira contém as qualidades necessarias a hum Prégador: na segunda proponho as regras da Rhetorica mais importantes, e proporcionadas á Eloquencia do Pulpito. Em tudo uzo d'hum methodo novo; não porque eu diga couzas novas, mas
fim

fim porque as digo com huma nova ordem. Julgo que falo com clareza, que sempre he das principaes circumstancias, a que attendo.

Bem conheço, que a perfeita Eloquencia do Pulpito não póde adquirir-se com huma Instrucção tão breve, como esta: mas tambem confidero, que hum Ecclesiastico sem maiores estudos, e sem luzes mais adiantadas, póde tirar d'ella ao menos a lembrança, ou o conhecimento das prerogativas necessarias para o Ministerio da Palavra; e o dezejo de fazer os maiores esforços para as adquirir pelos meios mais proporcionados. Tal he o meu fim.

O mesmo Deos, que permittio o projecto da minha idéa accidentalmente nova, e o pôlla eu em execuçaõ, se digne tambem infundir nos corações dos novos Oradores, ou que o pertendem ser, o dezejo de lerem esta breve Instrucção com aquelle espirito, com que ella foi
escri-

escrita: para que refletindo na Grandeza do Ministerio, nas qualidades de que necessitaõ, e o quanto ellas são difficultozas, se esmérerem com o mais diligente cuidado, e com maior disvélo, em as grangear pelos meios mais conducentes: a fim de não ficarem devedores ao grande Emprêgo, que occupaõ, ou pertendem occupar; aos homens, a quem os Oradores falaõ; e ao mesmo Deos, em cujo Nome, e da parte de quem falaõ. Para que no dia ultimo dos tempos, possa cada hum dizer na Presença do Juiz Supremo: (a) „*Domine, quinque talenta tradidisti mihi: ecce alia quinque superlucra- tus sum:* „ e para que mereça ouvir: „*Intra in gaudium Domini tui.* „ (b)

(a) Matth. 25, 20. (b) Ibid. 21.

INDICE

DA PRIMEIRA PARTE.

C APITULO UNICO. Pag. 1.	
§. I. <i>Da humildade.</i>	6.
§. II. <i>Missaõ legitima.</i>	8.
§. III. <i>Oraçaõ.</i>	16.
§. IV. <i>Vida exemplar.</i>	21.
§. V. <i>Virtude solida.</i>	27.
§. VI. <i>Simplicidade no discurso.</i>	29.
§. VII. <i>Zelo verdadeiro.</i>	33.
§. VIII. <i>Sciencia competente.</i>	40.
§. IX. <i>Doutrina solida.</i>	45.
§. X. <i>Liberdade em reprehender.</i>	51.
§. XI. <i>Naturalidade no discurso.</i>	67.
§. XII. <i>Formalidade no Sermaõ.</i>	70.
§. XIII. <i>Novidade no discurso.</i>	73.
§. XIV. <i>Unçaõ.</i>	81.
§. XV. <i>Elegancia da Expressaõ.</i>	84.
§. XVI. <i>Licença dos legitimos Superiores.</i>	91.

SEGUNDA PARTE.

- CAPITULO I. *Definição, origem, e utilidade da Rhetorica.* 99.
- CAP. II. *Materia da Rhetorica Ecclesiastica: fim do Orador: Partes da Rhetorica: meios de persuadir.* 107.
- CAP. III. *Materia da Invenção: differença entre a Rhetorica, e a Dialectica: Generos de Questões.* 115.
- CAP. IV. *Lugares dos argumentos, communs, e particulares.* 118.
- CAP. V. *Fórma dos argumentos Rhetoricos.* 140.
- CAP. VI. *Amplificação, e suas Fontes.* 153.
- CAP. VII. *Fórmas, ou Modos da Amplificação.* 163.
- CAP. VIII. *Affeitos, e modo de os mover.* 187.
- CAP. IX. *Dispozição.* 192.
- CAP. X. *Partes da Oração.* 198.
- CAP.

CAP. XI. <i>Diversos generos d'Oracão.</i>	218.
CAP. XII. <i>Elocução.</i>	239.
CAP. XIII. <i>Tropos.</i>	243.
CAP. XIV. <i>Figuras.</i>	248.
CAP. XV. <i>Compozição: Sentenças: Dinósis: Cópia: Variedade: e Digressão.</i>	275.
CAP. XVI. <i>Vicios oppostos ao Ornato.</i>	288.
CAP. XVII. <i>Congruencia.</i>	291.
CAP. XVIII. <i>Estilos.</i>	295.
CAP. XIX. <i>Memoria.</i>	304.
CAP. XX. <i>Pronunciação.</i>	308.

CAP. XI. Diversos generos de Oros. 238.

CAP. XII. Flores de. 239.

CAP. XIII. Tropicos. 240.

CAP. XIV. Legumes. 241.

CAP. XV. Compositas: Genus. 242.

CAP. XVI. Genus: V. 243.

CAP. XVII. Genus: V. 244.

CAP. XVIII. Genus: V. 245.

CAP. XIX. Genus: V. 246.

CAP. XX. Genus: V. 247.

CAP. XXI. Genus: V. 248.

CAP. XXII. Genus: V. 249.

CAP. XXIII. Genus: V. 250.

CAP. XXIV. Genus: V. 251.

CAP. XXV. Genus: V. 252.

CAP. XXVI. Genus: V. 253.

CAP. XXVII. Genus: V. 254.

CAP. XXVIII. Genus: V. 255.

CAP. XXIX. Genus: V. 256.

CAP. XXX. Genus: V. 257.

CAP. XXXI. Genus: V. 258.

CAP. XXXII. Genus: V. 259.

CAP. XXXIII. Genus: V. 260.

CAP. XXXIV. Genus: V. 261.

CAP. XXXV. Genus: V. 262.

CAP. XXXVI. Genus: V. 263.

CAP. XXXVII. Genus: V. 264.

CAP. XXXVIII. Genus: V. 265.

CAP. XXXIX. Genus: V. 266.

CAP. XL. Genus: V. 267.

CAP. XLI. Genus: V. 268.

CAP. XLII. Genus: V. 269.

CAP. XLIII. Genus: V. 270.

CAP. XLIV. Genus: V. 271.

CAP. XLV. Genus: V. 272.

CAP. XLVI. Genus: V. 273.

CAP. XLVII. Genus: V. 274.

CAP. XLVIII. Genus: V. 275.

CAP. XLIX. Genus: V. 276.

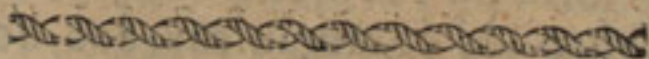
CAP. L. Genus: V. 277.



PRÉGADOR INSTRUIDO.

PARTE PRIMEIRA.

*Das qualidades necessarias ao
Prégador Evangelico para
bem exercer o seu Mi-
nisterio.*



CAPITULO UNICO.

PRE'GAR aos Póvos a
Doutrina do Evange-
lho: annunciar os Sa-
grados Mysterios da
Religião: explicar os saudaveis
preceitos da Lei Santa: ensinar
os meios mais efficazes de cum-
prir com os deveres do Christia-
nif

2 PRE'GADOR INSTRUIDO

nismo : arrancar do coração do homem o affecto a toda a concupiscencia : cortar o vicio , e a iniquidade pela sua mesma raiz : plantar com disvelo a virtude , e a devoção : arraigar nos corações a perfeita caridade : são projectos , em que igualmente interéssa o bem espiritual dos Fieis , o progresso da Religião , a Gloria do Creador ; e que muitas vezes se conseguem pelo Ministerio da Palavra.

Sim , a Prédica he hum meio seguro de communicar aos homens a verdade dos pontos mais interessantes , e de fazer-lhes conceber a idéa do que devem a Deos , a si mesmos , e ao seu proximo : he meio de capacitar o homem de tudo o que elle deve crer ; das acções , que deve obrar ; dos defeitos , que deve evitar ; do bem , que deve amar ; do mal , que deve aborrecer ; da felicidade eterna , que deve es-

perar ; e dos castigos do inferno , que deve temer.

Por muitos modos falou Deos antigamente aos homens , como diz o Apóstolo (*a*), já por meio dos Profetas , já por seu Filho Unigenito. Hoje ainda o mesmo Deos fala pelos Ministros da sua Palavra , pelos seus Enviados (*b*), pelos seus Prégadores. Pois todos sabem , que a Prédica he hum dos meios , por onde Deos fala ao coração do homem : he meio , por onde Elle persuade , move , e arrebatá os espiritos : he meio , com que Elle abala os interiores bem até o fundo das entranhas : he meio , com que Elle promove a conversão dos impios já com o temor do castigo , já com a esperança do premio : he meio , com que Elle faz conhecer á

A 2 crea-

(*a*) Ad Hebr. 1. 1. c. 2.

(*b*) 2. ad Cor. 5. 20.

4 PRE'GADOR INSTRUIDO

creatura as mais importantes obrigações do Christianismo : he meio finalmente , com que o Senhor explica ao seu Povo , e lhe offerece os admiraveis effectos da sua Misericordia. Tal he a excellencia da Prédica.

E sendo este Ministerio tao santo no seu principio , no seu objecto , e no seu fim ; que qualidades não deve ter aquelle , que o ha d'exercer ? que qualidades não são necessarias a hum homem , que se encarrega do officio d'Orador Evangelico , e Prégador da Verdade ? que qualidades são bastantes para hum homem se intrometter a ser o Orgão da Divindade , e Oraculo do Ceo ? que qualidades podem fazer hum homem sufficiente para ser o Pregoeiro do Deos Vivo , a Luz do Mundo , e o Precursor da ultima vinda do Senhor ?

Ah ! que se todos se humilhas-

Ihassellem , como Jeremias (*a*) ; se confessassem na presença de Deos a sua insufficiencia para o Ministerio da Prédica ; sem duvida o Senhor poria nas suas linguas palavras dignas d'Elle (*b*) ; purificaria os seus labios , como os de Haiaas (*c*) ; Elle lhes daria o mesmo sustento , que deo a Ezechiel (*d*) . E por consequencia , os Prégadores dos nossos tempos seriaõ huns novos Apóstolos.

Elles , para desempenharem os deveres de Ministerio taõ sublime , e taõ santo , tem necessidade de muitas qualidades , com as quaes elles encheráõ cabalmente-

(*a*) Nescio loqui , quia puer ego sum. Jerem. 1. 6.

(*b*) Dedi verba mea in ore tuo. Ibid. v. 9.

(*c*) Tetigit hoc labia tua , & aufertur iniquitas tua. Isaias 6. 7.

(*d*) Cibavit me volumine. Ezech. 3. 2. Docuit me omnia , expõe Du-Hamel.

6 PRE'GADOR INSTRUIDO

mente officio taõ elevado ; e sem as quaes elles ficarão devedores ao Ministerio , aos Povos , e ao mesmo Deos. Qualidades , que distinguem os Oradores verdadeiros dos falsos ; os que são animados pelo Espirito de Deos , d'aquelles que são conduzidos pelo seu proprio espirito.

§. I.

Primeira qualidade.

Humildade , e conbecimento proprio. Aquelle , que reconhece na presença de Deos a sua inaptidão para o Ministerio ; que sabe , que as suas luzes são muito limitadas , e inferiores á grandeza do objecto , que ha de ser materia do seu discurso : aquelle , que está persuadido , que não tem o espirito capaz de tocar , e mover os corações ; elle sem duvida he humilde , como Je-

Jeremias (*a*): elle, qual outro Moysés (*b*), conhece a sua insufficiencia: por isso a Sabedoria Increada, que soccorre aos humildes, fará em seu beneficio o mesmo, que a Isaias, Ezechiel, e Jeremias (*c*).

Pelo contrario, aquelle Orador, que se imagina dotado das luzes necessarias para prégar qualquer Sermaõ; que se atreve a fallar de materias superiores á sua instrucção; que se reputa com hum grande espirito para mover qualquer Auditorio; elle he hum homem cheio d'amor proprio, d'hum grande fundo de soberba: elle não pede ao Celi das luzes o dom da Palavra (*d*): elle he do numero d'aquelles, que, segundo o Apof-

to-

(*a*) Jerem. 1. 6.

(*b*) Exod. 3. 11.

(*c*) *Veja-se supr. pag. 5. not. b. c. d.*

(*d*) Ad Ephes. 6. 19.

8 PRE'GADOR INSTRUIDO

to (*a*), nem sabem o que dizem, nem de que falaõ.

Elle guiado pelo seu proprio espirito, desamparado do Ceo, falla de si tudo o que diz, sem dizer nada segundo o Espirito de Deos. Elle naõ attende ao conselho do Sabio (*b*): he louço, porque se reputa dotado d' huma grande sabedoria (*c*): he infeliz, porque se reputa Sabio (*d*).

§. II.

Segunda qualidade.

Missaõ legitima. Destina Deos hum homem para Orador do seu Evangelho; chamallo para Ministro da sua Palavra;

(*a*) 1. ad Timoth. 1. 7.

(*b*) Ne sis sapiens apud temetipsum
Prov. 3. 7.

(*c*) Ad Rom. 1. 22.

(*d*) Væ qui sapientes estis in oculis
vultus. Isaias 5. 21.

vra ; enviallo para fallar em seu Nome a hum Povo muitas vezes depravado nos seus costumes ; são circumstancias taõ necessarias ao Prégador , que sem ellas nem he Ministro legitimo , nem falla da parte de Deos. Mas antes elle he hum temerario , he hum intruso , bem como aquelle , que se intromettesse no governo da Republica sem ordem do legitimo superior.

Por varios modos póde a Sabedoria Eterna mandar hum homem para annunciar a sua Divina palavra : já pela Missaõ externa , já por moçaõ interior.

Moylés (*a*) , e Aaraõ (*b*) são enviados por Deos para fallarem a favor do Povo na presença de Faraó. Jonas (*c*) he mandado a prégar a penitencia aos Ninivitas ; Isaias (*d*) ao Povo

VO

(*a*) Exod. 3. (*b*) Exod. 4.

(*c*) Jon. 1. (*d*) Isaias 6.

10 PRE'GADOR INSTRUIDO

vo Judaico. Jeremias (*a*) he eleito por Deos para Profeta das Gentes. Ezechiel (*b*) he mandado a reprehender a prevaricação dos filhos d'Israel, e as abominações de Jerusaleem (*c*). Nathan he enviado por Deos a corrigir David (*d*). Elias para falar com ameaços ao Rei Achab (*e*); e para reprehender os Consultores d'Ochozias (*f*). O Baptista he mandado a preparar o caminho ao Messias (*g*): elle préga a penitencia (*h*).

O mesmo Jesus Christo he enviado ao Mundo pelo Eterno Padre (*i*): Elle préga a penitencia (*k*): Elle annuncia o Evangelho (*l*).

Elle manda os Apostolos a pré-

- | | |
|----------------------------|----------------------------|
| (<i>a</i>) Jerem. 1. | (<i>b</i>) Ezech. 2. |
| (<i>c</i>) Ezech. 16. | (<i>d</i>) 2. Reg. 12. |
| (<i>e</i>) 3. Reg. 21. | (<i>f</i>) 4. Reg. 1. |
| (<i>g</i>) Malach. 3. 1. | (<i>h</i>) Math. 3. 2. |
| (<i>i</i>) Joan. 17. 3. | (<i>k</i>) Matth. 4. 17. |
| (<i>l</i>) Marc. 1. 14. | |

prégar aos Judeos (*a*), e a toda a creatura (*b*), Elege setenta e dous (*c*) Discipulos; envia-os dous a dous a annunciar o Reino de Deos (*d*).

Naõ só pela Missaõ exterior envia o Supremo Senhor das Nações os seus Ministros. Elle muitas vezes inspira já ao Superior, que eleja o subdito; já ao mesmo subdito, que obedeça á ordem do Superior, que vendo-o dotado das qualidades proporcionadas para o Ministerio da Prédica, destina-o, e mandalhe exercitar o Officio d'Orador Evangelico. A outros concede a mesma Sabedoria Increada hum zelo ardentissimo da Gloria do mesmo Creador, e da salva-
ção

(*a*) Math. 10. (*b*) Marc. 16.

(*c*) Os Discipulos eleitos pelo Salvador forão setenta e dous, segundo o texto Latino; mas segundo o Grego forão setenta.

(*d*) Luc. 10. 1. e 9.

ção do proximo : orna-os com as virtudes mais heroicas : infunde em seus corações hum espirito zeloso de communicar aos Póvos as mais importantes verdades da Religiaõ. Sobre o seu destino elles consideraõ dentro de si mesmos , que partido será mais conforme com a vontade do Altissimo : elles o perguntaõ ao mesmo Ceo com as suas supplicas : elles consultaõ os Varões famigerados em sabedoria , e em virtude. Estes os animaõ : Deos illustra seus entendimentos , confirma seu zelo , inflamma seus corações nos mais ardentés desejos de prégar aos Póvos a verdade do Evangelho. Que vocação mais distincta ! Que *Missão* mais legitima !

Em huma palavra : de qualquer modo que seja a vocação , e *Missão* , de que fallo ; ou seja interior , ou exterior ; ou provenha de Deos mediata , ou im-

me?

mediatamente; ella constituirá hum perfeito Prégador. Elle será ouvido, e attendido; elle será acreditado; elle, qual outro Jeremias, cortará o vicio na sua mesma raiz, plantará a Virtude, edificará os Povos com a sua instrucção (a).

Pelo contrario, o Orador, que sem *Missaõ* se intromette no Ministerio, que fructos poderá tirar do seu sermaõ? Com que espirito, e unção falará elle a seus Ouvintes? Como prégará sem ser mandado (b)? Deos, que não o envia, não fala, não: o homem he quem fala, he o que fala de si, he o que fala em seu nome, he o que fala da sua parte. Que temeridade! falar dos negocios de Deos sem ordem do mesmo Deos! querer cultivar a vinha do

(a) Jerem. 1. 10.

(b) Ad Rom. 10. 15.

14 PRÉ'GADOR INSTRUIDO

do Senhor de Sabaoth sem licença de seu Dono !

Hum tal Prégador não ferá ouvido ; não tocará os coraçõ-es ; não persuadirá o Auditorio ao cumprimento dos seus deveres. Porque o Senhor , que não o manda , não vai em seu seguimento (*a*). Elle he do numero d'aquelles , de quem fala Jeremias (*b*), que são Profetas falsos. Elle não attende ao que Deos disse a Ezequiel (*c*), que falaria ao Povo depois d'ouvir o mesmo Senhor. Em huma palavra : elle he hum intruzo , como Coré (*d*), que pertendeo

(*a*) Prædicatores suos Dominus sequitur. S. Greg.

(*b*) Falsò Prophetæ vaticiniantur in Nomine meo : non nisi eos . . . seductionem cordis sui prophetant vobis . . . In gladio & fame consummentur. Jer. 14. 14. 15.

(*c*) Audiens ex ore meo . . . annuntiabis eis. Ezech. 33. 7.

(*d*) Num. 16.

deo metter-se nas funções do Sacerdocio , sem vocação legitima. Não attende ao conselho de S. Lourenço Justiniano (*a*), segundo o qual só deve exercitar o Ministerio ou pela vocação , ou pela necessidade de cumprir com os deveres do seu officio , ou obrigado pela obediencia. Elle finalmente não pôde dizer ao Eterno Padre o que o mesmo Jesus Christo lhe disse: *Falei aos homens pelas mesmas palavras, que Vós me distes* (*b*).

 §. III.

(*a*) Nemo nisi vocatus se ingerat: nullus, nisi impellente necessitate, vel obedientia urgente, se occupet. S. Laur. Just.

(*b*) Verba, quæ dedisti mihi, dedi eis. Joan. 17. 8.

§. III.

Terceira qualidade.

O *Ração.* He esta aquella taõ fructifera arvore, que a Mão do Todo Poderozo plantou no Paraizo da Igreja: arvore, que dá fructos os mais copiozos, e mais bem fazondos.

A esta arvore tem necessidade de sobir todo o Prégador Evangelico, e qualquer, que o pertende ser: a fim de colher os fructos, que lhe saõ necessarios.

Sim, aquelle, que intenta o Ministerio de falar aos Póvos sobre as verdades eternas, tem huma indispensavel necessidade de pedir ao Ceo, por meio da Oração, a Luz preciza para conhecer, se o seu intento he confórme aos disignios da Providencia; se o Senhor

o destina, se o chama, se o elege, se o envia em seu Nome; a fim de não incorrer na fatuidade dos Profetas de Samaria (a).

O que já he Orador Christão, tem necessidade da mesma luz superior, para saber se he Ministro legitimo, ou intruzo; e por conseguinte, para continuar, ou deixar o mesmo officio. Se tiver os caracteres d'huma vocação legitima, elle tem necessidade da mesma oração para executar dignamente os deveres do Ministerio. Elle deve pedir ao Senhor o conhecimento das verdades, que ha de prégar; a efficacia, com que as deve propôr; a unção, e zelo de as persuadir; o dom de tocar os corações, e de mover as vontades. Deve pedir-lhe as virtudes, que tem necessida-

B

de

(a) Jerem. 23. 13.

de de praticar , a fim d'ensinar os seus ouvintes com a sua palavra , e com o seu exemplo , á imitação do Salvador (*a*). Deve empenhar-se em alcançar do Ceo a docilidade do coração do mesmo Povo ; para que elle ouça as verdades Santas não só com os ouvidos do corpo , mas também com os da alma. Em huma palavra : deve pedir ao Altissimo as qualidades , as preeminencias , e prerogativas , que lhe são necessarias para bem exercer as funções de tão elevado emprêgo.

E que outro documento deo aos Prégadores o mesmo Jesus Christo ? Elle se retirou ao Dezerto ; jejuou quarenta dias ; e depois principiou a sua Missão , prégando publicamente (*b*). Tal foi a lição do Salvador.

O

(*a*) Cœpit Jesus facere , & docere.
Act. 1. 1.

(*b*) Matth. 4. 2. e 17.

O quinto Concilio de Milão requer nos Prégadores o exercício da Oração mental (*a*). Do mesmo sentimento faõ, Gerson (*b*), Santo Agostinho (*c*), S. Jeronymo (*d*), e o Papa S. Gregorio (*e*).

A mesma Sabedoria Eterna

B 2 ma-

(*a*) Ad Concionatorum . . . approbationem . . . quærat, an sanctorum meditationum, orationisque mentalis usum habeant. Concil. Mediol. V.

(*b*) Exigitur ad officium prædicationis gustatio spiritus per contemplationem. Gers.

(*c*) Eloquens, cum & iusta, & sancta, & bona dicit, . . . pietate magis orationum . . . se posse, non dubitet; ut orando pro se, ac pro illis, quos est allocuturus, sit orator, antequam dictor. S. Aug. de Doctr. Christian.

(*d*) Illa doceat, quæ a Deo ipse didicerit . . . quæ Spiritus Sanctus docet. S. Hieron. relatus Can. 3. D. 36.

(*e*) Monetur Propheta, ne præsumat loqui, quod non audierit: sed prius aurem cordis aperiat voci Creatoris, & postmodum os sui corporis aperiat auribus plebis. S. Gregor. in Ezech.

manifestou a Ezequiel a necessidade da oração (*a*); necessidade, que o Apóstolo (*b*) reconhecia em si mesmo.

Ah ! E que outra cousa explica a palavra *Orador* ! que outra cousa significa , falando propriamente ? E que ha de dizer hum Prégador , sem primeiro pedir ao Senhor o que deve dizer ? Como falará , como persuadirá , de que argumentos se poderá valer ; sem primeiro pedir ao Ceo o que convêm para desempenhar os deveres do Ministerio ? Como será bom Prégador , se não for primeiro bom *Orador* (*c*) ?

§ IV.

(*a*) Audies de ore meo verbum , & annuntiabis eis ex me. Ezech. 3. 17.

(*b*) Orantes . . . pro me , ut detur mihi sermo in apertione oris mei cum fiducia , notum facere mysterium Evangelii. Ad Eph. 6. 19.

(*c*) Sit orator , antequam dictor. S. Aug. de *Doctr. Christian.*

§. IV.]

Quarta qualidade.

Vida exemplar. A efficacia da Eloquencia Christã consiste em praticar o Prégador em si mesmo, o que pertende persuadir a seus ouvintes. A palavra sustentada com o exemplo persuade, move, toca, e converte.

O Prégador, que obra o mesmo que diz; o que pratica as mesmas virtudes, que persuade; o que abomina os mesmos vicios, que reprehende; o que não está comprehendido nas mesmas abominações do seculo; elle imita o Salvador (a): o seu Sermaõ he capaz de convencer: elle he verdadeiro Prégador (b).

El-

(a) Cæpit Jesus facere, & docere.
Act. 1. 1.

(b) Magister verus quod verbo aperit, demonstrat exemplo. S. Chrysolog.
Granditate dictionis maius vita dicentis. S. Aug. de Doctrin. Christ.

Elle he , com os seus bons costumes , o *Sal da Terra* (*a*) ; com a sua doutrina , elle he a *Luz do Mundo* (*b*). A sua conducta concorda com as suas palavras (*c*) : elle fala da mesma forte que vive.

O seu Sermaõ com facilidade move o coração do Auditorio (*d*) : a sua vida irreprehensivel he o Sermaõ mais efficaz (*e*).

El-

(*a*) Matth. 5. 13. (*b*) Ibid. 14.

Prius vocavit eos sal ; postea autem , lux . . . quia prius est bene vivere ; secundum autem bene docere . . . qui non facit quod docet , non alium docet , sed seipsum condemnat : neminem corrigit . . . multos scandalizat. Author oper. imperf.

(*c*) Non confundant opera tua sermonem tuum ; ne , cum in Ecclesia loqueris , tacitus quilibet respondeat : cur ergo hæc , quæ dicis , ipse non facis ? S Hieron.

(*d*) Illa . . . vox libentius auditorum cor penetrat , quam dicentis vita commendat. S. Gregor. Pap. Reg. Past.

(*e*) Irreprehensibilis vita prædicatio effi-

Elle finalmente será grande no Reino dos Ceos (a).

Pelo contrario: aquelle Prégador, cuja vida he hum continuo escandalo; aquelle, que está comprehendido nos melmos defeitos, contra os quaes clama; que conforma a sua conducta com a dezordem do seculo; com que valentia poderá elle arguir o vicio, reprehender o peccador, e clamar con-

efficacissima . . . est. S. Laur. Justin.

Docete, non ut verba vestra tantummodo audiant homines, sed ut opera vestra bona videant; ut, quos illuminaveritis per verbum quasi lux, condiatis per exempla operum quasi sales. Auth. Operis imperfect.

Sermo vivus & efficax, exemplum operis est. S. Bernard.

Com a mesma linguagem se explicaõ o Papa Innoc. III. Pedro Blesens. S. Izydor. S. Prosper. S. Jeron. S. Joã Chrysost., e outros.

(a) Qui fecerit & docuerit, hic magnus vocabitur in Regno Cœlorum, Matth. 5. 19.

contra as abominações? Com que efficacia falará elle, com que unção, com que espirito se explicará na presença d'hum Povo, que o conhece, e que está dizendo secretamente: *Cura-te a ti mesmo (a)*? Como o acreditarão seus ouvintes, sabendo elles, que o Prégador he de vida tão dezordenada como elles mesmos?

A este infeliz Orador convêm a reprehensão do Omnipotente por boca do Profeta Rei (b). O seu Sermaõ não move, não converte: elle não reprehende o vicio com efficacia (c). Se o Prégador he soberbo, se

(a) *Medice, cura te ipsum. Luc. 4.23.*

(b) *Quare tu enarras justitias meas, & assumis testamentum meum per os tuum? Psalm. 49. 16.*

(c) *Verbi Dei inanis est forinsecus prædicator, qui non est intus auditor. S. Aug.*

Perdit authoritatem docendi, cujus sermo opere destruitur. S. Hieron.

se he avarento , se he deshonesto , se he impaciente , se he des-
temperado no comer , e beber ;
se ama o Mundo , e as suas ma-
ximas ; se he roubador , e mur-
murador ; se he vingativo ; fi-
nalmente se tem costumes chei-
os d'iniquidade , com que ze-
lo clamará elle contra os vici-
os , em que está comprehendido ? A sua mesma consciencia ,
que o argue , prender-lhe-ha a
lingua , para que não fale : e
se alguma coiza disser , será sem
espírito. Seus ouvintes dirão
dentro de si mesmos : *Se és Me-
dico , cura-te primeiro a ti.*

Ah ! que horror ! que con-
fusão para o Prégador ! que
escandalo para os Póvos ! que
vilipendio para o Ministerio !
que vergonha para a Religião !

Se a iniquidade do Prégador
não for conhecida dos Póvos ,
e por isso não produzir os es-
pantozos inconvenientes , que

aca-

acabo de ponderar ; com tudo o seu mesmo interior cheio de covardia , de frouxidaõ , e de peijo , naõ o deixará falar com valentia contra a dezordem. E que maior dezordem do que falar bem , e viver mal (*a*) !

O infeliz Orador será julgado pela sua mesma sentença (*b*). Elle incorre na desgraça , que temia o Apostolo (*c*).

§. V.

(*a*) Qui bene docet , & male vivit , videtur bonum malo conjungere , lucem tenebris miscere. S. Isidor.

Male doces , si male agens bene loqueris. Petrus Blesens.

(*b*) De ore tuo te judico , serve nequam. Luc. 19. 22.

Bene docere & male vivere , quid aliud est , quam se sua voce damnare ? S. Prosper.

Litteras mortis suæ portant viri litterati , qui sciunt & docent , & non faciunt. S. Thom.

(*c*) Cum aliis prædicaverim , ipse reprobus efficiar. 1. ad Cor. 9. 27.

§. V.

Quinta qualidade.

Virtude *solida*. Sendo huma das obrigações do Orador Evangelico, depois d'arrancar o espirito da iniquidade, o plantar a Virtude no coração dos Fieis; elle tem huma indispensavel necessidade de possuir esta vantajoza qualidade em hum gráo perfeito. Elle deve semear por toda a parte os fructos da mesma *Virtude*, e lançar o bom cheiro dos seus admiraveis effeitos.

Porque, se o Orador tiver este defeito, elle, ainda que persuada a mesma *Virtude*, não o faz com efficacia necessaria para mover os seus Ouvintes a praticalla: pois vendo elles, que o Prégador não tem o exercicio das virtudes, que recommenda, o fructo, que ordinaria-

riamente tiraõ do sermaõ, he dizerem: *Porque razãõ não fazes tu o que dizes, que nós fazamos (a)*? Tal he o effeito, que produz a falta do bom exemplo.

Para que o Orador persuade efficaçmente a *Virtude*, deve primeiro praticalla, deve resplandecer na mesma *Virtude*, deve ornar-se com ella (b). Deve

ve

(a) Cur ergo hæc, quæ dicis, ipse non facis? S. Hieron.

(b) Qui de Deo Sermonem excitaturus est, virtutibus elucere oportet. S. Isidor.

Verbi semen facile germinat, quando hoc in audientis pectore pietas prædicantis rigat. S. Greg. Pap. Reg. Past.

Potior Sacerdotis prædicatio, exemplum pietatis est. S. Ambr.

Doctõr omnibus virtutibus debet esse ornatus. S. Chrysoft.

Non per eloquentiam humanæ scientiæ, sed per virtutum exempla. . . Apostoli fundavere Ecclesiam. S. Laur. Justin.

ve subir ao monte elevado (*a*)
da perfeição.

§. VI.

Sexta qualidade.

S *Implicidade no discurso.* Hum Sermaõ feito , e prégado d' hum modo pompozo , e cheio d' affectação , não he o que converte : elle mais entretém o entendimento dos Ouvintes , do que lhes incita os corações. Pelo contrario , hum Sermaõ prégado com *Simplicidade* , e sem pompa (*b*) , convence o Audi-
to-

(*a*) Super montem excelsum ascende tu , qui evangelizas Sion. Isaias 40. 9.

Nisi Doct̃or virtutum prius culmen ascendit , inaniter clamat. Petrus Damian.

Ascendat . . . quatenus in excelso positus . . . in sublimi perfectionis maneat. S. Laur. Justinian.

(*b*) Veni , non in sublimitate Sermōnis aut sapientiæ . . . & sermo meus ,
&

torio; hum Sermaõ sem elevados discursos d'huma sabedoria humana, move, e converte. O Apostolo dá huma boa idea d' esta *simplicidade* assim no lugar citado, como na composiçaõ de todas as suas Epistolas.

Com que *simplicidade* naõ falou o Principe dos Apostolos no dia da descida do Espírito Sancto (a)? Com que *simplicidade* naõ prégou o mesmo Jesus Christo o celebrado Sermaõ do Monte (b)? A mesma Escripura Sancta nos lugares citados o mostra bem claramente: toda ella respira *simplicidade* sancta. Ah! se os Oradores

& prædicatio mea non in persuasibilibus humane sapientiæ verbis, sed in ostensione spiritus & virtutis. 1. Cor. 2. v. 1. 4.

Prædicatio Christiana non indiget pompa & cultu sermonis. S. Ambros. Non ergo apparatus illi opus est, ac pompa dicendi. S. Joan. Chrysof.

(a) Act. 2. 14. (b) Matth. Capp. 5. 6. 7.

res dos nossos tempos se familiarizassem com esta *simplicidade* ! Elles, quaes outros Apostolos, converteriaõ as Nações.

Mas por infelicidade não he assim ; os Prégadores modernos ordinariamente mais pertendem agradar , do que converter ; não prégaõ para os outros , prégaõ para si ; procurando a sua gloria , e applauzo , todos se occupãõ em huma funesta jaçtancia (*a*). Huns muitas vezes até se atrevem a contar nos seus Sermões historias , que não só não tem a qualidade de verdadeiras , mas nem ainda de verosimeis : vindo por este motivo a Cadei-
ra

(*a*) Neque . . . cum sermonem laudaverim , qui fastu tumidus externæ peritiæ jaçtantiam sequitur. S. Joan. Chrysoft.

Datur intelligi , quod non se debeat Ecclesiæ Doçtor de accurati sermonis ostentatione jaçtare. S. Prosper.

Cum prædicatur , vix non subrepat cuivis hominum quantulacumque jaçtancia. S. August.

ra da Verdade a tornar-se em lugar da mentira (*a*). Que vituperio para o Pulpito ! outros , para satisfação da mesma jactancia , mais procuraõ agradar pelo modo com que falaõ , do que pela verdade , que prægaõ , fazendo-se escravos das suas mesmas expressões (*b*).

Huns pertendem de seus Ouvintes mais applauzos , do que gemidos e lagrimas (*c*). Outros

(*a*) Verborum venustas invenusta est , & inelegans quælibet elegantia , ubi veritatis decor abest. S. Isidor.

Bonorum ingeniorum insignis est indoles , in verbis verum amare. S. Augst.

Veracibus sententiis ornant verba simplicia. S. Prosper.

(*b*) In ipso etiam sermone malit rebus placere , quam verbis . . . nec Doctor verbis serviat , sed verba Doctori. S. Augst.

(*c*) Docente te in Ecclesia , non clamor populi , sed gemitus suscitetur. Lachrimæ auditorum laudes tuæ sint. S. Hieron.

Nec

ros para se inculcarem muito instruidos, uzaõ de discursos taõ delicados, que os Ouvintes naõ entendem o que ouvem; e só admiraõ o que naõ percebem (a).

Em huma palavra: a falta da *simplicidade* Christãã he cauza d'innumeraveis defeitos, que se observaõ pelos Pulpitos.

§. VII.

Setima qualidade.

Zelo verdadeiro. Prégar com hum dezejo efficaz da Gloria do Creador; annunciar as

C Ver-

Nec plausum a populo studeat expectare, sed gemitum. S. Prosper.

(a) Facile... indoctam concionem... decipere, quæ, quidquid non intelligit, plus miretur. S. Hieron.

Mallet cum barbarismo dici: non est absconditum a te os meum, quam, ut ideo esset minus apertum, quia magis latinum est. S. August.

Verdades eternas com o santo fim de converter, e instruir os Póvos; são dois objectos, que devem occupar toda a attençaõ do Orador Evangelico, e ser o seu unico disvélo.

Fazer, que a creatura conheça o muito, que deve ao Creador; que pondére o beneficio da mesma creação, e da regeneração; que considere o grande favor da redempção, e de todos os auxilios, que o Omnipotente concede ao homem; para que este lhe dê as devidas graças: que zelo mais santo, e mais digno do Orador Christão (a)? Cla-

(a) *Ponam zelum meum in te. Ezech. 23. 25.*

Phinees . . . zelando zelum Dei, accepit testamentum Sacerdotii æterni. 1. Machab. 2. 54.

Nos, si mercenarii Christi sumus, primum debemus aspicere quæ ad gloriam Dei pertinent, proximique profectum. S. Chrysof.

Clamar contra a desordem ; reprehender o peccador ; arguillo da sua iniquidade ; representar-lhe vivamente os Juizos do Altissimo , e os terriveis castigos , de que o peccado o faz merecedor ; a fim de apartallo do caminho do erro , e de o metter na vereda da salvaçãõ : que zelo mais puro , e mais proprio d'hum Pregarador Evangelico (*a*) ? Mas quantos (oh dôr !

C z oh

Gloria Dei , ó anima Sacerdotalis , pennis tuus est. Petr. Blesens.

Puritas cordis in duobus consistit : in quærenda Gloria Dei , & utilitate proximi. S. Bernard.

(*a*) Zelus animarum verus & perfectus est , quando aliquis . . . pro salute animarum laborat. Albert. Magn.

Aliorum salutem fac luctum animæ tuæ. S. Hieron.

Unius animæ salus tanti est , ut ob hanc Filius Dei fieret homo. S. Chrysoft.

Adeò vos amplector . . . ut anathema esse . . . non recusem , modò nobiscum adjungamini , Trinitatemque celebremus. S. Greg. Nazianz.

oh lastima digna de chorar-se com lagrimas de sangue!) quantos Pregadores sobem ao Pulpito sem o zelo, que só devia occupar o seu coração! quantos alli vão, unicamente movidos d'interesses mundanos inteiramente alheios do santo Ministerio! quantos sem aquella boa intenção, que só fórma o caracter dos perfeitos Oradores, e distingue os Profetas verdadeiros dos falsos!

Sim: huns vão movidos mais da vaidade, do que da caridade: elles não pertendem ganhar corações para Deos; só cuidão em agradar com a sua falsa eloquencia, e inculcar-se huns grandes

Optarim ipse milliès execrabilis esse, si queam per hoc vestras animas convertere. S. Joan. Chrysof.

Qui charitatem erga alterum non habet, prædicationis officium suscipere nulloatenùs debet. S. Greg. Pap.

des homens (*a*). Outros vendo subir ao Pulpito os seus contemporaneos ; suppondo-se com instrucção superior (*b*) ; com o intuito de não ficarem menos avaliados que elles , resolvem-se a tomar o officio da Prédica.

Huns não tem outro fim , senão o lucro , e interesse temporal (*c*). Elles , unicamente com

am-

(*a*) Si docendi officium , vanitate placendi magis quam consulendi charitate , suscipiant , non ut aliquos doceant , sed ut se doctos ostendant . . . numquid non tales merito . . . tinnienti cymbalo comparantur ? S. Prosper.

(*b*) Qui se existimat aliquid esse . . . ipse se seducit. Ad Galat. 6. 3.

Quid habes , quod non accepisti ? Si autem accepisti , quid gloriaris , quasi non acceperis ? Ad Cor. 1. c. 4. 7.

(*c*) Doctor Ecclesiæ , qui . . . propter humanam gloriam , vel lucra sæculi . . . loquitur in populis . . . Nomen Dei despicit . . . & in ipsum Deum jactat contumelias. S. Hieron.

Væ , væ , væ , . . . quanti hodie infelices . . . Divina Mysteria accipiunt , non

ambição do estipendio , mettem empenhos para prégar Sermões , que estayaõ destinados para outros Oradores mais pios , mais instruidos , e mais proprios para o Ministerio; dando por isso causa a mil escandalos , e conver-tendo a Cadeira da Verdade em negocio lucrativo. Em huma pa-layra: elles fazem servir o Evan-gelho á sua ambição (a). Ou-tros finalmente pertendem com

a

celestem panem , sed terrenum quæren-tes ; . . non Dei honorem , sed suam am-bitionem ; non salutem animarum , sed quæstum pecuniarum . . . non vocati a Deo , sed impulsî a diabolo , tanquam Dathan , & Abiron ! S. Bonav.

Quisquis ideò prædicat , ut hîc lau-dis , vel muneris mercedem recipiat , æterna procul dubio mercede se privat. Greg. Pap.

(a) Quæcumque res propter aliud quæritur , sine dubio inferior est quàm id , propter quod quæritur. Si propterea evangelizamus ut manducemus , vilius habemus Evangelium quàm cibum. S. August.

a sua prédica palliar a sua iniquidade.

Ora todos estes defeitos, estas intenções taõ alheias da santidade do Ministerio bem mostraõ, que huns taes Oradores não estaõ revestidos d'hum zelo verdadeiramente Apostolico: elles não são do numero d'aquelles, por cuja boca falla o Espírito Santo (a). Não, Deos não falla n'elles; não se serve d'lles como d'instrumento para annunciar a sua Palavra. Elles são os que falaõ; sim, falaõ por si, e não por Deos: não fiando d'Elle a paga do seu trabalho, querem recompensar-se com a sua ambição, com a sua vaidade; mas a sua terrivel recompensa ser-lhe-ha ultimamente adjudicada-

(a) Non enim vos estis qui loquimini, sed Spiritus Patris vestri, qui loquitur in vobis. Matth, 10. 20.

cada como preço do seu salario (*a*).

§. VIII.

Oitava qualidade.

S *Ciencia competente.* Para ensinar os outros, he necessario primeiro instruir-se a si mesmo (*b*). Sendo a instrucção dos Povos huma das obrigações do Orador, como poderá elle fazer o officio de perfeito Prégador, se elle não souber o que deve ensinar? Elle he usurpador do Ministerio (*c*): elle tem a presumpção temeraria d'ensinar o que ainda não aprendeo (*d*).

Pa-

(*a*) Receperunt mercedem suam. Matth. 6. 2. 5.

(*b*) Magistrum prius oportet docere seipsum. S. Joan. Chrysof.

(*c*) Qui nihil didicit, aliorum Doctor efficitur . . . usurpat prædicantis officium. Petr. Blesens.

(*d*) Nemo præsumit docere artem, quam prius non habuerit addiscendo. S. Bonay.

Para o Ministro da Palavras encher completamente os deveres do seu officio, depois d'aperfeiçoado na Grammatica Latina (sem a qual não pôde perceber o verdadeiro sentido dos Livros Latinos), elle tem necessidade de ser instruido.

1.º Em *Rhetorica*, sem a qual elle não poderá formar hum discurso perfeito, claro, tocante, e persuasivo. Da qual falarei na Segunda Parte.

2.º Na *Logica*, que verdadeiramente he (para assim o dizer) a *Porta das Sciencias*. Ella tem por objecto polir o entendimento, dar-lhe huma boa noção das idéas, e enfinallo a discernir o verdadeiro do falso. Sem ella não pôde o Prégador discorrer com hum juizo sam.

3.º Na *Metafizica*, que se divide em tres partes: 1.ª *Ontologia*, que dá a conhecer o Ente em geral, e todos os seus predi-
ca-

cados , propriedades , e relações ; aperfeiçoa a obra da Logica , applicando os preceitos d'ella a certos argumentos ; e he , propriamente falando , a *Pratica da Logica* : 2.^a *Cosmologia* , que he a Sciencia do Mundo , dos principios , e origem dos corpos , e da ordem do Universo ; e que dá huma boa prova da Existencia de Deos : 3.^a *Pneumatologia* , que tracta dos Espiritos ; e comprehende a *Psycologia* , que tem por objecto explicar a natureza da Alma Racional , as suas potencias , liberdade , e immortalidade. Conhecimentos muito proveitosos ao Orador Christão.

4.^o Na *Ethica Christam* , que he huma Sciencia , que ensina os meios , e prescreve as regras proporcionadas para alcançar a Felicidade Eterna. Declara os vicios contrarios á Lei Santa ; e o meio de os evitar. Mostra as

Vir-

Virtudes, e a sua pratica. Como poderá o Orador sem esta Sciencia prégar Sermões Moraes?

5.º Na *Theologia Dogmatica*, que he a Sciencia das Santas Escrituras, exposta segundo os sentimentos da Igreja, e dos Santos Padres, e reduzida a certa ordem, e methodo. Ella ensina os Dogmas da Fé. Sem ella não póde o Orador prégar Sermões de Mysterio.

O estudo d'esta Sciencia pede indispensavelmente a lição da Escritura Santa, da Tradição, dos Concilios, dos Santos Padres, e da Historia da Igreja. De tudo isto deve o Orador ter huma boa noção; e com especialidade, das Santas Escrituras, em que necessita de ser bem instruido, principalmente nos Profetas, e no Testamento Novo.

Taes são as luzes, de que deve ser dotado aquelle, que quizer ser hum perfeito Orador.

Sem

Sem esta instrucção he moralmente impossivel (segundo as forças humanas) compôr hum discurso perfeito, que ensine, que agrade, que convença, que persuada, e que finalmente mova. O que acabo de dizer, deve entender-se do Orador, que compõe os Sermões que préga.

Naõ he necessaria a sobredita instrucção aos Oradores, que naõ compõem; e só prégaõ os Sermões, que outros compuzeraõ. Elles naõ necessitaõ de tantas luzes: basta-lhes o que a Rhetorica ensina a respeito das ultimas duas partes d'ella, que-ro dizer, *Memoria*, e *Pronúncia* (a).

Advirto ultimamente, que estes Prégadores saõ pouco bem conceituados: muitos Criticos fazem-lhes suas fatyras, pelo
mo-

(a) Veja-se a Segunda Parte Cap. XIX.

motivo de pré-garem o que outros compõem. Porém Santo Agostinho não he d'este parecer: elle diz, que se não deve reputar por máo Prégador aquelle, que usa dos Sermões d'outro, se tendo o ár de os recitar bem, não tem o talento de os fazer (a). A sua prédica não deixará de ser util, se elle tiver as mais circumstancias necessarias.

§. IX.

Nona qualidade.

Doutrina *solida*. Não deve o Ministro do Evangelho prégar aos Póvos doutrina diffe-

(a) Sunt quidam, qui bene pronuntiare possunt; quid autem pronuntient excogitare non possunt. Si ab aliis sumant eloquenter sapienterque conscriptum, memoriæque commendent, atque ad populum proferant . . . non improbè faciunt. S. August. l. 4. *de Doctrin. Christian.*

ferente da do Christianismo ,
que professa (a) : aindaque use
de expressões novas , não seja
para annunciar novos Dogmas
(b) .

Nas Santas Escrituras tem o
Orador Evangelico tudo o que
se póde desejar : alli achará o
que he util para ensinar o Dog-
ma , para arguir , e tirar o erro ,
para reprehender a desordem , e
para instruir na justiça , e santi-
dade (c) . Segundo o Concilio
de Colonia , elle deve esmerar-
se mais em explicar o Evange-
lho ,

(a) Annuntiare aliquid Christianis
Catholicis præter id , quod acceperunt ,
nunquam licuit , nunquam licet , nun-
quam licebit. Vincent. Lyrin.

(b) Eadem , quæ didicisti , ita do-
ce , ut cum dicas novè , non dicas nova.
Idem.

(c) Scriptura Divinitus inspirata ,
utilis est ad docendum , ad arguendum ,
ad corripiendum , ad erudiendum in jus-
titia. 2. ad Timoth. 3. 16.

Iho, e as Epistolas (a); fugindo sempre de dar a sua propria interpretação (b) ás Divinas Escrituras, mas expondo-as segundo os sentimentos da Igreja, e dos Santos Padres.

Na fonte pura das Escrituras Santas he aonde tem necessidade de beber o Ministro do Evangelho (c): da sua lição deve colher

a

(a) Potior pars. . . Evangelio detur & Epistolis explicandis. Concil. Coloniense.

(b) Hoc primum intelligentes, quod omnis prophetia Scripturæ propria interpretatione non fit. 2. Petr. 1. 20.

(c) Qui ad veræ prædicationis verba se præparat, necesse est, ut causarum origines a Sacris Pagineis sumat; ut omne, quod loquitur, ad Divinæ auctoritatis fundamentum revocet, atque in eo ædificium suæ locutionis firmet. S. Bonav.

Sermo Scripturarum lectione conditus fit. S. Hieron.

Juxta Sacri Eloquii doctrinam universa discas & doceas. . . non supra, non extra, non contra. Petrus Blesens.

Di-

a doutrina fã , a doutrina pura ; a fim d'annunciãlla aos Póvos na sua mesma pureza , e não cheia de corrupçãõ , como os falsos Profetas (a) .

Conforme o mesmo Concilio de Colonia (b) elle não deve contar historias fabulozas ; tocando só as verdadeiras no que for util para a imitaçãõ ; e não referindo Milagres, que possaõ ser suppostos : e que não estejaõ provados com testemunhos authenticos.

O Concilio de Trento (c)
man-

Dicat quod ex Divina lectione dedicerit. S. Prosper.

(a) Puros . . . Scripturæ Sacræ sensus evanidis suis dogmatibus admiscentes , doctrinam adulterant. S. Isidor.

(b) Si fabulosa videbitur historia, ne attingat quidem : si verisimilis , leviter decerpatur quæ imitanda videantur. Miracula ne impudentius jactentur, nisi quæ scripturis prodita . . . summã cum historiæ fide tradita fuerint, Concil. Colon.

(c) Concil. Trid. Sess. 25. Decret. de Purgatorio.

manda, que se não préguem ao Povo rude questões difficeis, as quaes ostentando subtileza nem edificaõ o Auditorio, nem promovem a piedade: que não se annunciem materias duvidosas, e que sejaõ suspeitas de falsidade: elle finalmente prohibe, como cousa escandalosa, prégar tudo o que cheira a curiosidade, á superstição, a hum lucro torpe, e ambicioso.

O Apostolo recommenda a Timotheo (a), que fuja de propôr questões loucas, e sem doutrina; recommenda a Tito (b), que evite questões vans, e inuteis, como opposiçoens da Lei.

Taes são as regras, que parece conveniente propôr ao Ministro da Palavra: taes são as

D

(a) Stultas autem & sine disciplina quæstiones devita. 2. ad Timoth. 2. 23.

(b) Stultas autem quæstiones . . . & pugnas legis devita: sunt enim inutiles & vanæ. Ad Tit. 3. 9.

que elle deve ponderar : taes saõ as que elle deve seguir , e pôr em execuçaõ ; a fim de naõ vituperar o Ministerio com discursos alheios d'elle , mas sim d'ensinar o que pertence ao Dogma , e aos costumes ; desterrar inteiramente dos coraçõens o erro , e o engano ; corrigir o vicio , e a iniquidade ; instruir os homens na santidade , e na justiça.

O discurso , que naõ contenha doutrina para estes quatro fins , naõ merece o nome de Sermão ; he indigno de publicar-le no lugar santo á face dos Sagrados Altares. He huma especie de sacrilegio profanar o santuario com discursos , que naõ respiraõ santidade , que naõ promovem a virtude , e que naõ mostraõ respeito ao lugar , em que se fala.

Ah ? Quantos Sermoens se ouvem , que naõ saõ menos que hum discredito do pulpito , hum

vilipendio do Ministerio, huma profanação do mesmo Santuario! Ver a Cadeira do Evangelho transtornada em aula de questoes vans, inuteis, e muitas vezes prejudiciaes a quem as ouve, he mais que horror.

§. X.

Décima qualidade.

Liberdade em reprehender. A Eloquencia não póde produzir todo o seu effeito, se ella não for acompanhada d'huma perfeita *liberdade*. Sim, esta qualidade he tão necessaria ao Prégador Evangelico, que sem ella he mui raro, que elle prégue hum Sermaõ, que não seja defeituozo. Porque o discurso, para ser eloquente, deve ser natural; para ser natural, deve ser livre em todas as suas partes. Ora faltando esta prerogativa,

fem duvida a Eloquencia vai opprimida, cativa, e, para assim o dizer, defnaturalizada. He pois necessaria ao Orador huma completa, e inteira *liberdade*, tanto para formar o seu discurso, e fazer conceitos a proposito, como para falar com a voz proporcionada á materia de que trata, e acompanhar as suas palavras com acçoens naturaes, vivas, e cheias de decóro.

A Sobre tudo, a *liberdade* em reprehender o vicio fórma hum perfeito caracter do Prégador do Evangelho. Elle deve arguir tudo o que he contrario á Lei Santa. Aindaque os libertinos não gostão de vêr censurada a sua vida licenciosa, nem perturbada a sua consciencia, nem por isso o Ministro Sagrado deve deixar de clamar contra a iniquidade. Clame, e torne a clamar: inste, e torne a instar: proponha a verdade com zelo, com

efficacia , valendo-se de tudo o que he conducente para inspirar a seus Ouvintes sentimentos de Religiaõ.

Sim , deve clamar , e lançar em rosto ao peccador a sua malicia (a) : deve prégar a verdade , instar (b) , arguir , e reprehender. Naõ tema desagradar aos homens ; ponha unicamente os olhos em Deos. Para se confirmar em hum valor taõ santo , naõ he necessario lembrar-se do conceito do Apostolo (c) ; basta reflectir no documento d'hum antigo Filosofo Pagaõ (d) : elle diz ,, que o homem sabio naõ ,, deve trabalhar por agradar aos ,, homens ; mas sim por agradar ,, aos

(a) Isaias 58. 1.

(b) 2. ad Timoth. 4. 2.

Sine timore Verbum Dei loqui. Ad Philip. 1. 14.

(c) Si adhuc hominibus placerem , Christi servus non essem. Ad Galat. 1. 10.

(d) Plat. in Phedr.

„ aos Deoses „. Felizes os Oradores Christãos, se se aproveitarem d'esta doutrina, não obstante ser d'hum Gentio.

Deve porém o Orador n'esta materia ter presentes algumas advertencias:

1.^a Huma grande circumspecção, e exacta prudencia em reprehender os vicios, que sabe só pelo meio da Confissão Sacramental: a fim de não haver alguma infracção do sigillo; e por conseguinte, de não incorrer nas penas impostas (a) contra os infractores do mesmo sigillo. E ainda que a culpa não seja tal, que mereça as ditas penas, com tudo havendo alguma revelação, sempre n'este Bispado de Coimbra

fi

(a) Depozição, e reclusão perpetua em hum Mosteiro. Cap: Omnis utriusque sexus, de Pœnit. & Remissionib.

fica sujeito á pena (a), que impõem as Constituições.

2.^a Reprehender do Pulpito os vícios em geral, e nunca os sujeitos, que os commettem: clamar contra a iniquidade, e não contra as Pessoas; ainda que tenham alguma nota pública. Porque esta liberdade, além de não produzir hum effeito laudavel no sujeito, he mui propria para o enfurecer, e irritar, para talvez o confirmar por timbre na sua desordem, e para lhe publicar mais os seus defeitos: consequencias todas oppostas á caridade.

Quando porém o sujeito delinxisse na mesma presença do Auditorio, poderia ter lugar ahi mesmo a correcção da sua

(a) Suspensão do officio de pregar por tempo d'hum anno, &c. Const. de Coimbra tit. 4. Const. 8. n. 4.

ousadia, para exemplo dos outros (a).

3.^a Usar d'huma santa astucia, quando tiver de clamar contra as desordens das Pessoas distinctas ou pela nobreza do sangue, ou pela sua dignidade. Não deve o Prégador falar de modo, que os Grandes do seculo venhão a entender, que elle sabe a sua malicia; para que não imaginem, que o Orador vai armado contra elles; e para que não fiquem mais irritados do que movidos. Depois d'esta cautela, não deve logo atacar o vicio; mas usar d'alguns meios como disposições para o fim. Não posso explicar-me cabalmente, sem me valer d'hum exemplo.

Supponhamos, que pertende o Orador do Evangelho clamar
con-

(a) Peccantes coram omnibus argue; ut & ceteri timorem habeant. 1. ad Timoth. 5. 20.

contra a injustiça, com que os homens poderosos vexaõ, e opprimem os pobres. Deve

1.º Tirar os prejuizos, com que os Grandes do Mundo vivem ordinariamente allucinados, e persuadidos de que a elevação, e a riqueza os dispensa da obrigação de se compadecerem dos miseraveis.

2.º Imprimir em seus corações huns sentimentos pios, pelos quaes elles considerem, que os pobres saõ igualmente filhos de Jesus Christo; que tambem foraõ remidos pelo Sangue do Salvador; e que juntamente com elles saõ membros do mesmo Corpo Mystico da Igreja.

3.º Inflammallos no amor do proximo, movendo-os á compaixão para com os desvalidos; representando-lhes as misérias, as necessidades, as angustias, que padecem pela sua pobreza; e fazendo-lhes ver

com

com a energia mais terna o quanto as suas tribulaçoens se augmentaõ , quando se vem maltratados, opprimidos, e vexados pelas Pelloas poderozas.

4.º Depois de se valer d'estas dispoziçoens , póde o Orador entrar a reprehender os vexames injustos , com que os grandes opprimem os pobres ; tendo sempre a cautella de naõ dar a conhecer que sabe a mesma injustiça. E para isto será conveniente , que naõ fale nos vexames , que saõ publicos ; mas sim em outros , ainda que sejaõ menos graves , que tenhaõ alguma semelhança com elles. Com esta prudencia póde o Prégador arguir , clamar , e indignar-se contra huns taes vexames taõ vergonhozos ao Christianismo , taõ oppostos ás leis da caridade , e taõ abominaveis á sociedade humana ; valendo-se da authoridade das Santas Escripturas , da

dou-

doutrina dos Santos Padres, e da mesma Razaõ natural.

E se o Orador, attendendo á indole dos fugeitos, julgar conveniente para a sua perfeita emenda o persuadir-lhes, que a compaixãõ dos desvalidos os faz naõ só merecedores na presença de Deos, mas tambem amaveis, estimados, e dignos de todo o respeito para com os homens; elle sem duvida poderá valer-se tambem d'este meio, a fim de os fazer entrar em si, e deizistirem dos seus vexames injustos.

Da mesma prudencia deve uzar o Prégador na reprehensãõ dos vicios notorios das Pelloas d'Officio publico, ou sejaõ Ecclesiasticas ou seculares: valendo-se d'argumentos proporcionados, e respectivos ao estado, e occupaçaõ d'aquelles, cujos defeitos saõ objecto do seu discurso: Considerando sempre, que o vicio nunca merece

o ser respeitado nem ainda nos maiores Principes.

Se o Prégador fizer hum Sermão com esta prudencia , e astucia , sem duvida os seus Ouvintes entrarão em si ; mudarão de vida ; emendarão os seus costumes ; deixarão a injustiça ; converter-se-hão ao Senhor. Elles não se irritarão contra o Prégador , que mostra não ser sabedor das suas culpas ; e por isso capacitar-se-hão , que elle os não quer offender ; porque não fala nos seus defeitos , mas em outros semelhantes : e se estes forem mais leves , mais conhecerão a enormidade das suas culpas mais graves. Elles em fim se persuadirão , que o Orador pertende dezempanhar o seu Ministerio.

Quando porém o vicio d'algum dos Grandes do Mundo differ respeito á Fé , quando inficionar a pureza d'algum Dogma , se a prudencia , que fica in-

insinuada , não for sufficiente para rebater o erro , e para livrar os Póvos d'huma infecção tão pernicioza; não duvide o Ministro do Evangelho clamar contra a dezordem , para que não faça maiores progressos : opponha-se como hum forte muro : zele a cauza da Religião : sollicite a mesma honra de Jesus Christo ; aindaque seja á custa do seu proprio sangue (a) . Lembre-se do valor, com que o Chefe do Collegio Apostolico falou na presença dos Principes da Synagoga (b) ; imite a constancia do primeiro Martyr Santo Estevaõ, não tema o ser apedrejado (c) . Não recee o ser prezo , como o Apostolo (d) , nem ainda ser de-

(a) Ecce ego mitto ad vos Prophetas, & sapientes . . . & ex illis occidetur . . . & ex eis flagellabitur. Matth. 23. 34.

(b) Act. 4. 8.

(c) Act. 7. 57.

(d) Act. 21. 30. Ad Philip. 1. 13.

golado, como elle mesmo, e o Baptista: não tenha medo de ser crucificado, como Pedro, e Andre; esfolado vivo, como Bartholomeo; assado, como Lourenço. Faça-se constante, e superior aos tormentos dos mais Apostolos, e de tantos Martyres. Tema unicamente os castigos eternos (a), que o Supremo Senhor das Nações fulmina contra os impios.

Ultimamente deve o Orador do Evangelho advertir, que huns vicios são mais communs a certos Paizes. E como hum Sermaõ deve ser proporcionado em tudo, seria conveniente, que o Prégador, antes de compôr o seu discurso Moral, se informasse do vicio dominante d'aquelle Paiz, para o impugnar; e para não cahir no defeito de prégar hu-

(a) Potius time te eum, qui potest & animam & corpus perdere in gehennam. Matth. 10. 28.

huma doutrina, que não convém ao Auditorio.

Aonde reina a ignorancia da verdadeira justiça ; a superstição ; o erro , ou abuzo dos Sacramentos , ou a negligencia em frequentallos ; prégue-se contra estes vicios. Aonde reina a profanação dos dias festivos ; e as dezordens do Carnaval ; prégue-se contra estes vicios. Aonde reina a usura , o furto , e o espirito de demandas , prégue-se contra estes vicios. Aonde reina o juramento falso , a blasfemia , a murmuração , e a mentira , prégue-se contra estes vicios. Aonde reina a impureza , e a embriaguez , prégue-se contra estes vicios. Aonde reina a ociosidade , e o luxo , prégue-se contra estes vicios. Taes são as regras , que parece conveniente propôr n'esta materia.

Tema o Prégador covarde faltar ao seu dever ; tema não

dezenpenhar o seu Ministerio ; com razão deve temer , fenaõ reprehender a iniquidade (a) .

Naõ se confunda , naõ tema o falar na presença dos mesmos Reis (b) sobre os negocios da eternidade , sobre os interesses do Christianismo (c) . Tema o ficar comprehendido na mesma reprovaçaõ , em que incorrem os
que

(a) Ille . . . cui dispensatio verbi commissa est , etiamsi sancte vivat , & tamen perditè viventes arguere aut erubescat au metuat , cum omnibus , qui eo tacente perierunt , perit. Et quid ei proderit non puniri suo , qui puniendus est alieno peccato ? S. Prosper.

Si ab increpatione . . . reticueritis , quia contra vos o lia insurgere reformidatis , jam non Dei lucra , sed vestra quæritis. Concil. IV. Mediolan.

Nihil in Sacerdote tam periculõsum apud Deum . . . quàm quod sentiat non liberè denuntiare. S. Ambr.

(b) Loquebar in testimoniis tuis in conspectu Regum , & non confundebat. Psalm. 118. 46.

(c) Quis verum audebit dicere , si sacerdos non audeat ? S. Ambr.

que não emendaõ os seus costumes pelo silencio do Orador (a).

Elle para impugnar o vicio com efficacia, deve valer-se dos meios proporcionados, que saõ propôr o medo dos castigos eternos, e persuadir a esperança do premio, e a confiança na Mizericordia de Deos. Mas deve explicar-se com tal prudencia, que

E nem

(a) Si . . . non fueris locutus, ut se custodiat impius a via sua, ipse impius in iniquitate sua morietur, sanguinem autem ejus de manu tua requiram. Ezech. 33. 8.

Si Sacerdos non dixerit erranti, is, qui erraverit, in sua culpa morietur; & Sacerdos reus erit pœnæ, qui non admonuit errantem. S. Ambr.

Qui alium ab errore non revocat, se ipsum errare demonstrat. S. Leo Pap.

Error, cui non resistitur, approbatur. Felix Pap. III.

Non ascendistis ex adverso, nec opposuistis murum pro Domo Israel. Ezech. 13. 5.

Canes muti non valentes latrare. Isaías 56. 10.

nem esta confiança lifongee o peccador para persistir na sua iniquidade; nem aquelle temor o aterre, e confunda de forte, que elle venha a perder a esperanza da salvaçaõ. E para se capacitar d'esta importante verdade, faça reflexaõ sobre a doutrina de S. Joaõ Chrystostomo:

„ O Prégador, diz elle, deve
 „ acautelar-se de produzir taes
 „ sentimentos em seus Ouvin-
 „ tes, que pelo demaziado te-
 „ mor elles venhaõ a perder hu-
 „ ma justa confiança da Miseri-
 „ cordia de Deos „. Em huma
 palavra: deve o Orador procu-
 rar a convertaõ do peccador, e
 não a sua dezesperaçaõ.

§. XI.

*Undecima qualidade.***N**aturalidade no discurso.

Naõ ha cousa, que mais se opponha á verdadeira Eloquencia, do que a escravidaõ, com que alguns Prégadores se esmeraõ em formar o seu discurso compassado em todos os periodos, e ainda nas palavras, querendo exprimir os seus conceitos pela cadencia das vozes. Huns procuraõ numerar todas as syllabas do seu discurso: outros uzaõ de palavras exquisitas, e de frases escolhidas. Huns observaõ sempre a mesma cadencia, a mesma harmonia: outros falaõ em tudo com o mesmo som. Huns medem as suas acções como por compasso: outros fazem as mesmas acções taõ affectadas, e taõ descompostas, como alheas do lugar. Defeitos, in-

teiramente, oppostos á Eloquencia, como contrarios á *naturalidade*, com que as couzas devem exprimir-se, e os conceitos formar-se.

A observancia da natureza deve ser o principal objecto do Orador. Elle para ser eloquente, deve pôr todo o cuidado em que o seu Sermaõ seja natural em todas as partes. A composiçaõ deve ser conforme á natureza do que se tracta: as frases, os conceitos, as sentenças, as figuras, as palavras, as expressões, o gesto, e as acções tudo deve ser natural.

Mas d'aqui não se infere, que o Prégador deva desprezar o artificio no seu discurso. Elle deve servir-se dos preceitos da Arte, para occultar os defeitos da natureza, que não podem evitar-se sem huma grande precauçaõ. Porque a natureza, depois do peccado original,

nal, ficou rude, cheia de mil defeitos, e grosserías, que a corrupçãõ lhe introduzio. Ora só pelo estudo da Arte he que ella póde polir-se, e purificar-se. Donde se segue, que o Orador deve

1.º Fazer toda a diligencia, para que a natureza obre, e se manifeste no seu discurso:

2.º Procurar, que a mesma natureza se reprezente, e appareça livre de tantos defeitos, com que a depravaçãõ a offuscou:

3.º Advertir, por consequencia, que a Arte não deve servir para desterrar a natureza; mas sim para aperfeiçoalla.

He necessario com tudo, que o Prégador tenha cautela d'encobrir o artificio; para que o seu discurso pareça mais natural, do que artificiozo.

lim ab aisi §. XII. *cap. 12.*

s. sup. *cap. 12.*

170 *Duodécima qualidade.*

lo pelo estudo da Arte de que

Formalidade no Sermaõ. He esta hum prerogativa indispensavelmente necessaria no discurso; para que as partes d'elle fórmem hum todo perfeito, e completo. As prõvas, os argumentos, as confirmações, os conceitos, as sentenças, as expressões, em huma palavra, tudo quanto o Orador disser no seu Sermaõ, tudo deve dirigir-se a provar o assumpto, que tirou.

Este deve ser hum dos principaes pontos, a que o Ministro do Evangelho tem necessidade d'attender; a fim de que as partes do discurso se ajudem (para assim dizer) mutuamente humas às outras, e todas prõvem, e confirmem a proposição.

XIX 2

Mas

Mas devem evitar-se alguns defeitos, em que muitos Oradores cahem pelo demaziado empenho, que tem de serem formaes nos seus Sermões. Por isso he necessario, que o Prêgador

1.º Não tenha empenho d'estar a cada instante a provar aquillo, de que ninguem duvida, e que he evidente. Porque estas próvas muitas vezes não são tão manifestas, como aquillo mesmo, que se pertende provar; e em lugar d'aclarar mais o ponto, o fazem mais duvidoso.

2.º Não tome por emprêza o estar horas e horas a dizer sempre sobre a mesma couza, fazendo timbre de não sahir do mesmo ponto. Porque isto, além d'enfastiar os ouvintes, dá a entender, que o Orador ou não tem mais que dizer, ou está preoccupado da presumpção, e del-

desvanecimento de parecer formal.

3.º Não duvide sair do ponto, e fazer alguma digressão, que seja a proposito: mas de modo que depois torne ao seu principal deznio.

4.º Evite o enfadonho cuidado, que alguns Oradores tem, d'estarem a cada passo referindo tudo o que dizem para o assumpto, que tiráráo.

5.º Se julgar conveniente, para melhor fazer conhecer a verdade, e para persuadilla com mais efficacia, o fazer alguma repetição, não duvide fazella.

Em huma palavra: o Orador não deve ligar-se a humas taes *formalidades*, que as vezes lhe custão muito; que sempre importaõ pouco; e que nunca valem nada para a Eloquencia do Pulpito. Porque a verdadeira *formalidade* não consiste em não sair do ponto, nem
em

em estar a dizer sempre sobre a mesma couza, nem em fazer repetições odiosas; mas sim em conseguir o fim, que o Orador pertende.

§. XIII.

Decima terceira qualidade.

Novidade no discurso. Os homens, por hum appetite natural quazi inevitavel, amaõ a novidade em todas as couzas. E para que elles se naõ enfastiem d'ouvir ao Prégador o mesmo, que já ouviraõ a outros, he necessario, que elle dê alguma *novidade* ao seu Sermão.

Ella naõ póde admittir-se em materia de Religiaõ: e todo aquelle, que neste ponto quizesse introduzir alguma couza nova, sería indigno do Ministerio. Porque a materia d'hum dis-

discurso Evangelico tanto não deve ser nova, que nem ainda o deve parecer (a): ella não seria attendida, se não tivesse o caracter respeitavel da antiguidade.

As verdades eternas são, sempre foraõ, e haõ de ser as mesmas: por isso ellas não podem admittir *novidade* em si mesmas substancialmente. O modo de as propôr he que pôde ser novo: no modo de as dizer he que pôde dar-se a *novidade*: no desenho, e na idéa he que está toda a *novidade* do discurso. Qualidade que não só he util, mas tambem muitas vezes necessaria; para que o Sermaõ faça impressãõ em alguns Ouvintes,

(a) Annuntiare aliquid Christianis Catholicis præter id, quod acceperunt, nunquam licuit, nunquam licet, nunquam licebit Eadem, quæ didicisti, ita doce, ut cum dicas nove, non dicas nova. Vincent. Lyria.

tes, que sempre querem ouvir alguma couza de novo.

O mesmo Jesus Christo explicando as verdades muito antigas em si mesmas, Elle as expõe por Parábolas, que tem hum grande sabôr de *novidade*. E d'essa sorte Elle approva o modo de tratar a sua Palavra com dilicadeza e *novidade* util. Elle mesmo diz a seus Discipulos (depois d'affirmarem que tinham entendido as Parabolas, por que Elle lhes havia fallado): „ Por isso todo o que „ he bem versado naquillo, que „ respeita ao Reino dos Ceos, „ he semelhante ao Pai de familias, que tira do seu thezouro couzas novas e velhas „ (a) „

Do que fica dito se infere
1.º que a *novidade* não he estranha á Eloquencia do Pulpito ;

(a) Matth. 13. 52.

to ; antes muitas vezes he necessaria : 2.º que nas verdades eternas não póde dar-se *novidade* substancial. Resta agora dizer , em que consiste hum discurso novo.

Póde o Orador Evangelico dar alguma *novidade* ao seu Sermão.

1.º No modo d'expór a verdade santa , eterna , e invariavel uzando d'huma tal idéa , que a Verdade antiga como he , pareça tambem nova. Santo Agostinho (*a*) approva esta *novidade* , a fim d'evitar-se o fastio d'ouvir sempre a mesma couza pelo mesmo modo : o que costuma disgoftar não só os Ouvintes bem instruidos ; mas ainda os mesmos rusticos.

2.º Nas razões proprias para
mo-

(*a*) Una eademque res ideo multis modis dicitur , ut modus ipse dicendi propter fastidium varietur. S. August.

mover e persuadir : advertindo , que ellas não sejaõ exquisitas , nem apartadas do sentido commum ; mas solidas , judiciozas , e claras : e que sejaõ taõ naturaes , que entrem mesmo no entendimento e coração dos Ouvintes. E d'esta sorte , ellas tem huma força natural para persuadir.

3.º Nos Conceitos , que nunca devem ser alheios do sentimento commum : sejaõ novos , mas não sejaõ extravagantes : sejaõ novos , mas não sejaõ affectados. Tenhaõ os pensamentos a sua *novidade* , mas *novidade* , que seja natural , fábia , racionavel , e sólida. Sejaõ novos ; mas não sejaõ quimericos : tenhaõ *novidade* ; mas tenhaõ tambem a qualidade de serem bem trazidos , e bem applicados. Alem disto : os pensamentos devem ter algumas condições , para serem judiciozos.

1.^a Devem os pensamentos ser verdadeiros: porque, sendo falsos, não só são inaptos para persuadir, mas também indignos do lugar da Verdade.

2.^a Devem ser edificantes, e próprios a fazer capacitar os Fieis do conhecimento dos seus deveres, e a persuadir lhes o cumprimento das suas obrigações.

3.^a Devem ser claros de forte, que o Auditorio não só os perceba, mas que seja impossivel não os entender.

4.^a Devem ser formados, e postos naquella parte do discurso, em que não perturbem a boa ordem d'elle, e fação a impressãõ, que o Orador pretende.

5.^a Devem exprimir-se, não com palavras barbaras ou defuzadas, mas sim conforme a locuçãõ commua e natural; para que não se limitem a entreter

ter os entendimentos, mas passem a ferir os corações.

6.^a Devem ser ornados com moderação, e sem affectação; quero dizer devem ser revestidos d'hum ornato simples e natural. Taes são as condições, que deve ter o pensamento, e o conceito d'hum Oração Evangelica.

4.^o Póde tambem o Orador uzar d'alguma *novidade* nas suas expressões; não excogitando palavras novas; mas valendo-se das uzuaes, e dando-lhe hum tal combinação, que ellas signifiquem o que antes não significavaõ. Com tanto que sempre tenhaõ hum sentido natural. (a)

5.^o Nos sentimentos pode dar-se *novidade*. Assim como os conceitos, e os pensamentos, que são productos do entendimen-

(a) Veja-se pag. 85.

mento, admittem novidade assim tambem a admittem os sentimentos, que são producto do coração. Os pensamentos são novos pela nova fineza, com que se fórmaõ: da mesma sorte os sentimentos são novos pela nova delicadeza, com que se exprimem. A estes novos sentimentos, que com a sua delicadeza penetraõ o mesmo interior da alma, he que muitos peccadores devem a sua conversação. Por isso, diz Cicero (a), que „ todo o estudo, toda a Arte, e toda a Eloquencia será „ inutil, se ella se não applicar „ continuamente a bem dirigir „ os affectos e os sentimentos do „ Auditorio „.

6.º Nas authoridades, e citações póde haver alguma *novidade*. Não deve o Prégador buscar authoridades differentes das da

(a) 3. de Orat.

da Escriitura Santa, e Padres da Igreja: mas d'estas melmas he que deve aproveitar-se, procurando aquellas, de que os outros Oradores naõ costumão servir-se.

Sim, a lição bem attenta da Escriitura, e dos Padres, com facilidade mostrará a cada passo novos argumentos, novas prõvas, novas expressões, novos sentimentos, que possaõ dar a *novidade* aos discursos Evangelicos

§. XIV.

Decima quarta qualidade.

UNção. He esta aquella doçura, e suavidade, que deve ser natural no Orador Christaõ; a fim de que os seus discursos sejaõ capazes de mover e tocar os corações.

Quando hum Prégador fórma os seus conceitos, expõe

F os

os seus sentimentos, uza das suas expressões com tal modo, que dá a conhecer a seus Ouvintes, que o seu coração está cheio de ternura, de caridade, e de zelo para com elles mesmos; sem duvida elle tem a unção sufficiente para excitar no Auditorio sentimentos pios, e Christãos. Então o seu discurso tem abundancia de movimentos suaves, e affectuosos, os quaes, segundo o grande Mestre da Eloquencia,, são igualmente proprios para todas as partes do discurso, sem alguma excepção,, (a). Elle tem a unção, que Santo Agostinho denomina estylo salutar, e favoravel (b).

He necessario advertir, que esta doçura, e unção não he incompativel com aquella vehemen-

(a) Cicer. 3. de Orat.

(b) Aug. l. 4. de Doctr. Christian.

mencia d'algum modo arrebatada, em que o Orador muitas vezes he obrigado a romper conforme a materia do Sermaõ. Antes pelo contrario, a unção faz, que a Oraçaõ seja mais vehemente.

Esta unção consiste em hum seguimento natural, e continuado de diversas expressões affectuozas, que muitas vezes se fazem em poucas palavras. As interrogações curtas; os apóstrofes a Deos, aos Santos, e aos mesmos homens; as admirações breves; os dezejos ardentés; as frases ditas com alguma novidade; as expressões d'hum modo vivo e compendiozo; tudo isto, dito d'huma maneira suave, mostra huma grande unção no Orador; e não pôde deixar de a produzir nos mesmos Ouvintes.

E para que se consiga este fim deve o Prégador por toda

a diligencia, em que os seus movimentos não tenhaõ nem ainda o mais leve ar d'affectação; mas que sejaõ de tal modo ordenados, que, segundo o sentir de Quintiliano, pareçaõ nascidos do natural de Orador, e das couzas, que elle diz (a). Em huma palavra: devem ser naturaes os movimentos do Orador.

§. XV.

Decima quinta qualidade.

E *Legancia da expressão.* Ella não consiste em outra couza mais, que em exprimir muitos pensamentos em poucas palavras. Com ella se dá huma grande formozura ao discurso: com ella se movem os Ouvintes, e lhes persuade o Orador com facilidade o que pertende. Mas
pa-

(a) Quint. l. 6. C. 2.

para que a expressão seja elegante, convém

1.º Que ella se diga com alguma novidade: esta não deve consistir em palavras novas, e ainda não recebidas pelo uzo commum; mas sim em huma composição de palavras antigas, e uzuaes, combinadas de tal modo, que tenhaõ huma applicação especial, e formem hum sentido novo. Como querendo nós arguir o peccador do descuido da salvação, podemos uzar d'esta expressão: *O demonio tem mais cuidado na vossa alma, do que vós mesmos: Que desgraça! e que vergonha!* Esta he huma expressão, que em poucas palavras dá a entender muito: he nova, constando de palavras muito antigas. Eu sei, quem com ella tem feito fortes impressões.

2.º Que haja variedade nas expressões; e que não se digaõ sempre com as mesmas palavras, ain-

ainda que haja de dizer-se a mesma couza.

3.º Que a expressaõ seja clara; para que o Auditorio perceba o sentido d'ella: por que tudo o que escurece a expressaõ, sem duvida lhe tira a maior elegancia.

4.º Que não seja affectada; quero dizer que, o Orador não seja apaixonado pela expressaõ; que não dê signaes de que a favorece; que faça por muito de não uzar d'ella segunda vez no mesmo Sermaõ, principalmente se ella for brilhante.

5.º Que seja natural, e não repugnante á razaõ de quem a ouve.

6.º Que não seja brilhante: só se esta for taõ natural, e accommodada á materia, que seja quasi inevitavel o uzar da mesma, sem a qual se não possa explicar cabalmente o conceito, ou o pensamento do Orador.

dor. Mas não sendo a expressãõ brilhante, e florída taõ necessaria, como acabo de dizer, não deve o Prégador Evangelico uzar d'ella; 1.º porque ella ordinariamente se limita a lizongear o ouvido, sem passar a mover o coração: 2.º porque a mesma grandeza do Ministerio Sagrado está dictando huma perfeita renúncia de tudo o que he florido, brilhante, e pompozo, e não serve para o fim do mesmo santo Ministerio: 3.º porque he mais propria na Oraçãõ Evangelica huma expressãõ grosseira, que toca e move os corações, do que outra florída e brilhante, que não faz mais que entretêr e agradar. Pois „ de que serve huma chave d' „ oiro, se ella não presta para „ abrir a porta? E que impor- „ ta que seja de páo se ella a- „ bre? (a) „ D'a

(a) S. Auguft. l. 4. de Doct. Christi.

D'aqui não se infere, que o Orador Christão deva abandonar o ornato nas suas expressões. Elle deve ornallas com elegancia, revesti-las d'hum ornato, que não tenha por fim o agradar; mas que seja meio de conciliar a attenção dos Ouvintes, a fim de lhes tocar os corações, e mover as vontades a fugir do mal, e abraçar o bem.

Assim mesmo deve entender-se o que já disse (a) a respeito da simplicidade no discurso. Eu a persuado, e nunca deixarei de a persuadir, a fim de se evitarem os defeitos, que apontei no lugar citado. Mas isto não he pretender eu desterrar do Pulpito aquelle ornato, que conduz á perfeita Eloquencia; não. Eu sou apaixonado por tudo o que he elegante: hum ornato natural, e proporcionado á materia; hum

(a) No §. VI. pag. 29.

hum ornato, que serve ao Orador para bem exprimir o seu sentimento, para capacitar o Auditorio das Verdades mais importantes; hum ornato conforme ás regras da Oratoria; elle não só he util, mas he necessario em hum Sermaõ. Elle não he opposto á simplicidade, de que já falei. Em huma palavra: o ornato pomposo, affectado, brilhante, florido, e cheio de jactancia; hum ornato, que fica no entendimento, e no ouvido, sem passar ao coração; he ornato, que não me agrada, e que eu julgo improprio d'huma Oraçãõ Evangelica.

Finalmente devo advertir, (ao mesmo respeito da elegancia da expressãõ, de que hia falando):

1.º Que só hum Entendimento vivo, claro, e penetrante, he que verdadeiramente pôde ser capaz d'expressões elegantes:

2.º Que

2.º Que a formosura das expressões faz a grandeza, a elegancia, a força, e vigor do sublime:

3.º Que o mesmo sublime he como a alma das mais elegantes, e delicadas expressões:

4.º Que o sublime pôde dar-se em huma só expressãõ, quando esta em poucas palavras dá a entender muito, e com delicadeza. Tal foi a expressãõ, verdadeiramente sublime, que Alexandre proferio, quando, (tendo-lhe Dario offerecido metade da Azia, e sua filha em Matrimonio, e dizendo-lhe Parmeniaõ: *Se eu fosse Alexandre, aceitarã a offerta:*) elle respondeo: ,, E eu tambem; se fosse ,, Parmeniaõ ,, .

5.º Que algumas expressões vulgares naõ deixaõ de ser sublimes, quando mostraõ logo a promptidaç d'alguma couza. Como quando hum lugeito nos pede

de hum favor, que nós podemos, e queremos fazer-lhe; e para lhe significarmos, que temos dezejo de o servir, e o havemos de fazer com promptidão, dizemos: „Está feito: „ V. m. será servido „. O favor ainda se não fez; mas nós fazemos conceber ao outro, que já „ está feito „.

Taes são as regras, que parecem convenientes a respeito das expressões.

§. XVI.

Decima sexta qualidade.

Licença dos legitimos Superiores. A prégação he, segundo o Concilio de Trento (a), huma das principaes funções dos Senhores Bispos: ella he dos primeiros Direitos do Supremo Paf-

(a) Sess. 5. Cap. 2. de Reform.

Pastor d'huma Diocese. A pratica da Igreja he constante n'esta materia.

O mesmo Santo Concilio impõe aos Parocos a obrigação d'annunciar a seus Freguezes, ao menos em os Domingos, e Festas solemnes, os dictames mais importantes da Lei Santa; explicando-lhes os vicios, que devem fugir; e as virtudes, que haõ de praticar: a fim d'escaparem os castigos eternos, e conseguirem a Bemaventurança, para que foraõ creados.

Ninguem mais, álem dos sobreditos, tem por Direito authoridade para prégar. Por esta razãõ, nenhum Ecclesiastico Secular ou Regular póde intrrometer-se a exercer o Ministerio da prédica nas Igrejas seculares, sem licença do Ordinario do lugar.

E aquelle, que sem esta facultade se atreve prégar aos Póvos,

VOS,

vos, dá huma próva bem clara de que não tem Missaõ legitima; que está faltro d'aquella qualidade taõ necessaria, de que já falei (a). Elle incorre na pena d'excommunhaõ fulminada no Concilio Geral de Latraõ IV. (b).

N'este Bispaõ de Coimbra elle incorre em suspensaõ *ipso facto*, imposta nas Constituições (c). No Bispaõ da Guarda está posta contra elle pena de prizaõ, e suspensaõ (d). Em huma palavra: Varias penas se tem estabelecido em cada Bispaõ contra os que sem legitima faculdade tomaõ o partido de prégar. Cada hum deve consultar as Constituições do seu respectivo Bispaõ. A'lem

(a) §. 2. pag. 8.

(b) Veja-se o Cap. 13. de Heretic. §. 6.

(c) Const. de Coimbra tit. 12. Const. 15. n. 2.

(d) Const. da Guarda Livro 3.º tit. 4. Cap. 1. n. 4.

A'lem da faculdade do Ordinario, he tambem necessario o consentimento dos Parocos, em cujas Igrejas se ha de prégar. Porque elles estaõ encarregados, por Direito Divino, d'instruir os seus Freguezes: e querendo elles prégar por si mesmos, podem impedir que outro qualquer o faça; ainda que seja Religioso Menor, ou da Sagrada Ordem dos Prégadores, privilegiados em Direito (a); porque estes mesmos naõ podem prégar contra vontade, e sem consentimento dos Parocos, excepto se forem mandados pelos Superiores dos mesmos Parocos, como he exprello na mesma Extravagante. Mas ainda n'este cazo naõ lhes he livre o prégar quando quizerem, mas sim n'aquella hora, em que naõ perturbem a satisfacão das Funções Paroquiaes.

Ef-

(a) Extrav. Comm. 1. de Privileg.

Este consentimento do Paroco he taõ necessario n'este Bispado de Coimbra, que, segundo as Constituições (a), elle incorre na pena de suspenção, e de vinte cruzados, se deixar prégar algum Clerigo, ou Religioso de qualquer Ordem, sem este lhe mostrar primeiro a licença do Ordinario: só sendo Prégador notoriamente douto, e conhecido. E conforme as mesmas Constituições, a dita licença deve mostrar-se naõ só ao Paroco, mas tambem a outro qualquer Ecclesiastico, que tenha a seu cargo as Igrejas, ou Capellas, em que se quizer prégar.

Assim este, como qualquer Paroco do Bispado da Guarda, na fórma das suas Constituições (b), saõ obrigados em virtude d'obediencia, e sob pena d'ex-
com-

(a) Já citadas pag. 93. not. c.

(b) Const. da Guarda já cit. n. 3.

communhaõ, e de se lhes dar em culpa, naõ consentir nas Igrejas, ou Ermidas Prégador algum, sem que tenha licença do Ordinario. Isto he pelo que pertence ás Igrejas Seculares.

Em quanto porém ás dos Regulares: os seus respectivos Prelados sabem muito bem o que determinaõ as suas Leis, assim a respeito dos Prégadores Seculares, como dos mesmos Religiosos. E quanto a estes he bem clara a doutrina do Concilio de Trento (a): segundo o qual, para elles prégarem nas Igrejas das suas Religiões, naõ necessitaõ da licença dos Senhores Bispos, mas sim dos seus Prelados; e com esta devem apresentar-se pessoalmente a pedir a bençaõ aos mesmos Senhores Bispos; mas naõ necessitaõ, que estes lhadem,

(a) Sess. 5. Cap. 2. de Reform.

dem , como adverte Gallemart ,
e he expresso nas Declarações ao
mesmo Concilio (a) .

(a) Non tenentur ab Episcopo licen-
tiam obtinere , sed tantum a suis Supe-
rioribus . . . & cum ea se personaliter
coram Episcopo præsentare , ab eoque
petere benedictionem , tametsi eam non
obtinuerint. Declar. in Concil. Trident.
cit. n. 5.

FIM DA PARTE PRIMEIRA.



Particulars of the

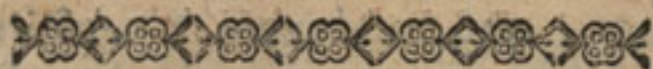
... ..

... ..



... ..

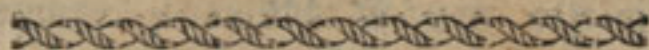
... ..



PRÉGADOR INSTRUIDO.

PARTE SEGUNDA.

*Da Rhetorica Ecclesiastica propo-
rcionada á Eloquencia do
Pulpito.*



CAPITULO I.

*Da definiçãõ, origem, e utili-
dade da Rhetorica.*

§. I.

A Rhetorica he huma Arte, Defini-
ção da
Rhetori-
ca.
que nos ensina a persuadir
com a força d'argumentos,
e com palavras proprias. Ella
naõ só mostra os diversos cami-

nhos, que conduzem á perfeita Eloquencia; mas tambem ensina quaes são os mais proprios, os mais uteis, e os mais proporcionados á diversidade dos tempos, dos lugares, e das Pelloas. Em huma palavra: ella ensina a falar bem.

Eu não me demoro com a questãõ, se ella he Arte, se he Sciencia. Veja-se Quintiliano (a).

§. II.

*Origem
da Rhet.*

O Primeiro Inventor da Rhetorica, assim como de todas as mais Artes, he o Supremo Author da Natureza, o qual dotando os homens d'hum espirito capaz de perceber as cousas, os dotou tambem da faculdade de as manifestarem huns aos outros, da mesma sorte que as percebem.

Se-

(a) Liv. 2. Cap. 16. e Cap. 18.



Segundo este mesmo instincto dado pelo Creador , todos os homens tem sua Rhetorica natural mais ou menos persuasiva , á proporção da clareza do juizo , e do discernimento de cada hum. Por isso ainda os homens mais rusticos são ensinados pela Natureza a dizer o que entendem , e a procurar meios de persuadir o que dizem.

Mas houve muitos naturalmente dotados d'hum espirito mais reflexivo, d'hum juizo mais claro, d'hum discernimento mais acertado, e d'hum methodo mais verdadeiro ; os quaes reflectindo no ornato dos que melhor falavaõ , e nos modos de falar , que mais persuadiaõ , inventáraõ esta Arte , que chamamos Rhetorica. Ella aperfeiçoa o que a Natureza principia. Assim como a Arte não faz nascer as agoas , mas só se limita a procurallas , e a conduzillas áquellas partes,
aon-

aonde podem ser uteis : da mesma sorte , a Rhetorica não dá juizo a hum mentecapto ; mas suppondo hum bom fundo d'entendimento , que descobre as razões , e inventa os ornatos , toda se applica a fazer com que as mesmas razões produzaõ o effeito d'huma impressaõ saudavel no espirito de quem as ouve.

Os primeiros , que se applicáraõ ao estudo da Rhetorica , foraõ os Gregos. Sobre os que a reduziraõ a preceitos escriptos , lea-se Quintiliano (a) .

Entre os Latinos , Cicero , e o mesmo Quintiliano saõ os Principes da Oratoria : elles na verdade , se attendemos ao methodo , e clareza , com que escreveraõ , bem merecem este epíteto, ainda comparados com os Gregos mais eloquentes.

§. III.

(a) Livr. 3. Cap. 1.

§. III.

SENDO a Rhetorica huma Ar-*Utilida-*
 te , que ensina a falar bem , a *de da*
 fim de persuadir o que he justo , *Rhet.*
 e bom ; segue-se com toda a evi-
 dencia , que o estudo d'ella he
 d'huma grande utilidade aos O-
 radores Evangelicos , os quaes
 só devem ter o mesmo fim nas
 suas Orações. O estudo d'esta
 Arte não só lhes he util , mas
 necessario. Elles devem ler com
 frequencia as Santas Escrituras ,
 e os Padres da Igreja : e estes de-
 vem ser os seus exemplares.

A Escritura não he destituída
 d'eloquencia. O célebre Longi-
 no , ainda que Gentio , confessa ,
 que Moyses logo no principio
 do Genesis se explica por hum
 estylo verdadeiramente sublime :
 elle põe a S. Paulo no numero
 dos que mais se distinguem na
 sublimidade d'huma perfeita e-
 loquencia. Os Profetas estão
 chei-

cheios das mais elegantes figuras da Rhetorica. Em huma palavra: todos os livros do Antigo, e Novo Testamento não tem menos elegancia que simplicidade. Pois a verdadeira Eloquentia não consiste no jogo, na pompa, e na vã formosura das palavras; mas sim na sua propriedade, e decencia; na gravidade das expressões, das sentenças, e dos conceitos.

Isto mesmo se vê nas Obras dos Santos Padres, que se applicáraõ cuidadosamente ao estudo da Rhetorica. Por isso a sua eloquentia he, como vemos nos seus escritos.

Ora devendo este ser o estudo d'hum Prégador; quero dizer, devendo elle applicar-se com cuidado á lição da Escritura, e dos Padres; e sendo estes famosos escritos dotados da mais perfeita elegancia; he bem evidente, que hum Orador não pôde

de tirar da sua lição hum bom fructo , sem que a Rhetorica o ensine a discernir o que alli ha mais efficaz para tocar , para mover , e para persuadir. Em huma palavra : a Escritura , e Obras dos Padres da Igreja ensinão o que o Prégador ha de dizer nos seus Sermões : a Rhetorica ensinã a fazer seleção do que he mais proprio para hum , ou outro Sermaõ ; ensinã o que he mais proporcionado a este , ou áquelle Auditorio ; ensinã finalmente a fazer hum discurso , que persuada. Pois todos sabem , que não basta o conhecimento do que se deve dizer ; mas he tambem necessario saber , por que modo , aonde , quando , e diante de quem se deve dizer. Tal he a necessidade da Rhetorica , e a sua utilidade.

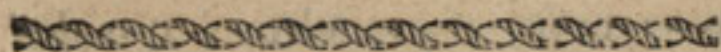
Eu não falo das injurias , que alguns fazem á Eloquencia ,

at-

attribuindo-lhe mil defeitos (a) : Se alguém se vale das forças da Rhetorica para satisfação d'al-guma intenção perversa, não he isto defeito da Rhetorica ; he sim abuzo , que o fugeito faz d'ella. Da mesma sorte , que nós não deixamos de consagrar o vi-nho no adoravel Sacrificio da Missa , não obstante o excessso , com que alguns se entregão ás demazias d'elle : assim tambem não devemos abandonar a Elo-quencia , por alguém abuzar d'ella. Os inimigos do Christia-nismo abuzão de muitos textos da mesma Escritura Santa , in-vertendo o seu sentido verdadei-ro : isto não obstante , nós não deixamos de a ler.

CA-

(a) Vej. Quintil. L. 2. Cap. 17.



CAPITULO II.

Da Materia da Rhetorica Ecclesiastica ; do fim do Orador ; das Partes da Rhetorica ; e dos meios de persuadir.

§. I.

Como a Rhetorica he huma Arte , que ensina a falar bem , ella não póde limitar-se a materia alguma determinada : tudo o que houver de dizer-se , ou por escrito , ou de palavra , em publico , ou em particular , tudo he materia da Rhetorica , geralmente falando.

Materia da Rhetorica em geral.

Mas , como os Oradores Evangelicos devem occupar-se na prégação do Evangelho de Jesus Christo , aonde não se acha mais que Verdades , que devemos

mos crer; e preceitos, que devemos cumprir; segue-se, que só lhes são proprios aquelles generos de causas, e materias, que conduzem para o ensino da Verdade. Por isso

Materia da Rhetorica Ecclesiastica.

A materia da Rhetorica Ecclesiastica limita-se ou ao ensino das Verdades do Evangelho; o que pertence ao genero Didascalico ou Instructivo: ou á persuasão da pratica das Virtudes; e da fugida dos vicios; o que pertence ao genero Deliberativo; ou ao louvor dos famosos Exemplares da Virtude; o que pertence ao genero Demonstrativo.

Os Sermões de Mysterio pertencem ao genero Didascalico; os Moraes ou de Missão pertencem ao Deliberativo; os Panegyricos, e os Funebres pertencem ao Demonstrativo.

§. II.

Sendo o fim do Orador per- *Fim do*
 suadir, e mover a obrar, he *Orador.*
 necessario, que elle com as suas
 palavras ensine, recree, e mova *Officior*
 os animos dos Ouvintes. Por isso *do Ora-*
 elle deve procurar não só con- *dor.*
 vencer a Razaõ, e o Entendi-
 mento do Auditorio com argu-
 mentos fortes; mas tambem re-
 crear-lhe os animos com a ele-
 gancia, e variedade das expref-
 sões; e movellos com efficacia.

§. III.

Para que o Prégador Evan-
 gelico faça os officios d'hum
 perfeito Orador, e consiga o seu
 fim, he necessario, que elle te-
 nha huma boa *Invençaõ, Dispo-* *Partes*
siçaõ, Elocuçãõ, Memoria, e da Rbe-
Pronunciaçaõ; que saõ as cinco *torica,*
 par-

ITO PRE'GADOR INSTRUIDO

partes, em que ordinariamente (a) se divide a Rhetorica.

Invençaõ he procurar argumentos, e razões proprias para convencer, e proporcionadas á materia.

Disposiçaõ he reduzir os mesmos argumentos, e razões a huma tal ordem, que não fiquem amontoadas humas sobre as outras; mas se disponhaõ com verdadeiro discernimento nas partes d'hum discurso regular.

Elocaçaõ he exprimir as mesmas razões, e argumentos com hum tal ornato proporcionado á materia, e com hum ar, que mova os affectos, que toque os corações.

Memoria he huma faculdade, por meio da qual se con-

(a) Os Autores, que affirmam serem só tres as partes da Rhetorica; e que a Memoria, e Pronunciaçaõ unicamente são partes da Natureza, e não da Arte, fundam se em razões bem attendiveis.

serva a lembrança de todo o discurso.

Pronunciaçãõ he prégãr com a voz, e com as acções agradaveis, e accommodadas á materia.

§. IV.

OS meios, por onde o Prê- *Meios de*
gador póde conseguir estas *persua-*
partes, e o fim do seu Ministe- *dir.*
rio, são

1.º Hum entendimento naturalmente vivo: sem o qual serão frustrados todos os esforços da Arte, cujos preceitos de nada valem áquelle, que tem huma negaçãõ absoluta (a):

2.º Arte, em que deve instruir-se com cuidado; reflectindo em todos os preceitos d'ella, a fim de os observar com promptidaõ:

3.º Imi-

(a) Doctrina nulla esse sine natura poterit, Quintilian. Liv. 2. c. 20.

3.º Imitação dos homens verdadeiramente sabios ; lendo as Obras d'huns , e attendendo á boa pronunciação d'outros ; aproveitando-se de tudo o que he proprio para a imitação. Mas deve o Orador ter presentes algumas advertencias.

1.ª Fazer selecção d'aquelles , a quem pertende imitar , a fim de não se fazer semelhante ao sujeito de máo gosto.

2.ª Depois da certeza , que sem perigo póde imitar o homem sabio , deve averiguar , em que o ha d'imitar.

3.ª Fazer diligencia não só pela imitação , mas tambem por exceder aquelle , a quem pertende imitar.

4.ª Procurar huma tal imitação que seja proporcionada á materia , de que se trata , e ás proprias forças do Orador.

— 5.ª Não se ligar a hum só Author.

6.ª Não

6.^a Não se contentar com o que elle disse ; mas dizer alguma cousa de mais , se houver defeito , ou de menos , se houver superfluidade no que elle disse (a) .

7.^a Fazer distincão do que he imitação , e do que he furto. A imitação he huma semelhança accomodada á materia , e á qualidade do Prégador, que pretende ser semelhante , accrescentando ou diminuindo alguma cousa. O furto não he mais que huma usurpação d'aquillo , que o outro disse , sem augmento nem diminuição ; sem a proporção devida á materia , e ao Orador. Em huma palavra : a imitação trabalha em guardar hum perfeito decóro ; o furto só usurpa aquillo , que o outro fez : a imitação dá alguma cousa sua ; o furto só tira o alheio.

H

A

(a) Sobre a imitação. Veja-se Quintiliano Liv. 10. Cap. 2.

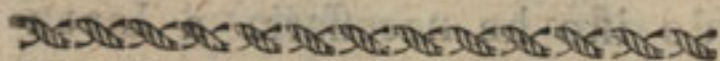
○ A imitação não só he util ; mas necessaria (a) . O furto não acredita o Orador. Virgilio se queixou d'aquelle , que se intitulou Author dos seus versos ; e disse ,, que dos versos , que elle ,, tinha feito , outro teve a honra ,, . He o fruto , que ordinariamente se tira d'hum tal procedimento.

4.º Exercício , escrevendo , e representando com frequencia. Pois quanto mais o Orador se exercitar , tanto mais se aperfeiçoará ; com mais facilidade achará razões convenientes , e far-se-ha senhor de tudo o que he elegante , e proprio para persuadir (b) .

CA-

(a) Quintil. cit.

(b) Lea-se Quintil. Livr. 7. Cap. 1,



CAPITULO III.

*Da Materia da Invenção ; da
differença entre a Rhetorica ,
e Dialectica ; e dos Gene-
ros de Questões.*

§. I.

A Materia da Invenção con- Materia
siste principalmente na Ex- da In-
posição, Argumentação, e Am- venção.
plificação. O Prégador em qual-
quer oração não faz mais que
expôr, provar, e amplificar. El-
le expõe, quando declara aos
Ouvintes o seu intento: próva,
quando propõe argumentos, que
façam crer como verdadeiro o
que expoz: amplifica, quando
procura meios para mostrar a
coisa grande, e mover com isso
os animos dos Ouvintes. He
bem evidente, que para tu-
do

do isto he necessaria a Invenção.

§. II.

A Rhetorica tem huma grande conveniencia com a Dialectica : porque sendo esta huma Sciencia , que tem por fim dirigir as operações do entendimento para conhecer a Verdade ; e devendo qualquer Orador propôr unicamente o que he verdadeiro ; segue-se , que não pôde haver bom Orador , que não seja bom Dialectico.

Mas , como o Prégador fala a diferentes Ouvintes , tracta diferentes questões , e tem outro fim mais sublime , que o simples Logico ; elle deve falar d'outro modo, quero dizer, não deve contentar-se com raciocinios , que convenção os entendimentos , como hum Logico ; mas deve amplificar os seus argumentos , e as suas razões de
for-

Differença entre a Rhetorica , e Dialectica.

forte, que movaõ os affectos, e as vontades de quem ouve. Por isso o Filosofo Zeno comparava a Dialectica á maõ fechada, e a Rhetorica á maõ aberta. E para dizer tudo em poucas palavras, devo concluir, que o Prégador, como hum simples Logico, só fala ao entendimento dos Ouvintes; e como hum perfeito Orador, fala lhes ao coração, arrebata os espiritos, e move as vontades.

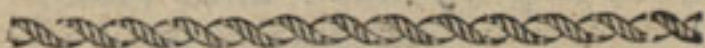
§. III.

A Materia d'Argumentação *Generos* Rhetorica limita-se a dous *de Questões* *Generos de Questões*: hum *infinitez* *to*, a que os Gregos chamaõ *These*: outro *finito*, a que chamaõ *Hypothese*. *These*, ou *Questão infinita* he aquella, que não se limita a pelloa, tempo, ou lugar determinado; como quando se tracta da humildade, ou da soberba, ou d'outra qualquer virtude,

*Hypo-
thefe.*

de , ou vicio. *Hypothese* , ou *Questão finita* he aquella , que se limita a pessoa , tempo , ou lugar determinado ; como quando se tracta da fé d'Abrahaõ ; da pureza de Jozé ; da passagem dos Israelitas pelo Mar Vermelho ; da constancia dos Apostolos ; e d'outras cousas semelhantes.

Cada huma d'estas Questões tem seus lugares communs , que são como fontes , d'onde se tirão as provas.



CAPITULO IV.

*Dos lugares dos argumentos ,
communs , e particulares.*

§. I.

*Argu-
mento.*

A Rgumento não he outra cousa senão *hum pensamen-
to , que dá a próva ; com o qual
se deduz huma cousa da outra , e
se*

se confirma o que he duvidoso por aquillo que não tem duvida. D'aqui se infere, que para o argumento ser solido, elle deve fundar-se em hum principio certo, e que não padeça duvida, e por conseguinte não necessite de prova (a). E d'esta sorte o argumento será efficaç: os Ouvintes acharão verdadeiro aquillo, que duvidavaõ, ou negavaõ: o Prêgador conseguirá o seu fim.

Os *lugares* dos argumentos são *communis*, e *particulares*: os primeiros são communis a todas as cousas, e servem principalmente para a *Questão infinita*: os *particulares* são proprios de huma, ou outra cousa, e servem principalmente para a *Questão finita*. Huns, e outros são as *Fontes da Invenção*, d'onde se tiraõ para qualquer materia os argumentos, que lhe convêm.

Lugares dos argumentos.

Os

(a) Veja-se Quintil. Liv. 5. Cap. 10.

Cõmunis. Os *lugares communs* são huns *attributos*, que convêm a todas as cousas; e dos quaes se tiraõ argumentos, com que ellas se provaõ. Estes *attributos* são *intrinsecos*, e *extrinsecos*. Intrinsecamente convêm a qualquer coula o seu *genero*, a sua *especie*, *differença*, *definição*, *divisão*, *causa*, *effeitos*, *adjuntos inseparaveis*, e outros muitos accidentes: extrinsecamente convêm-lhe tudo o que lhe he *semelhante*, ou *dissimelhante*; *maior*, ou *menor*; *os exemplos*; *oraculos*; *authoridades*; e *sentenças*, que a respeito d'ella tem havido. Ora estes *attributos* são a *Fonte*, d'onde se tiraõ os argumentos Oratorios: em os conhecer, e examinar bem he que consiste toda a diligencia da arte da *Invenção*.

Para melhor se formar huma idéa mais completa do que acabo de dizer, eu vou a propôr

pôr alguns exemplos: elles mostrarão bem claramente não só a utilidade, mas também a necessidade de pôr em pratica, em qualquer Oração suazoria, os argumentos deduzidos dos *Lugares da Invenção*: elles farão ver a grande fecundidade dos mesmos *Lugares*, e *Fontes da Invenção*.

Querendo o Prégador Evangelico persuadir o santo exercicio da Oração, elle deve examinar com exacção tudo o que lhe convêm intrinseca, e extrinsecamente; vêr qual he o seu genero, a sua differença, o seu principio, o seu fim, a sua necessidade, os seus effeitos, os adjunctos inseparaveis, que a acompanhaõ; e tudo o mais, que lhe he proprio, assim como também o que lhe he contrario.

Elle verá logo, que a Oração se contém na Virtude da Religiaõ, a qual he como gene-

Exemplo
1.º

nero para todas as mais virtudes ; que ella se distingue das outras , por ser huma elevação do entendimento a Deos , a quem he necessario pedir tudo o que he justo , e santo : elle verá , que a Oração tem por principio o Espirito Santo , o qual dá aos que oraõ as inspiraões mais santas , e as luzes mais claras : verá , que o seu fim , e objecto principal he infundir nos corações hum espirito de Caridade , e huma perfeita uniaõ da alma com Deos ; que ella tem por objecto particular e immediato pedir ao Senhor os auxilios necessarios para cumprir com os deveres do Christianismo. Elle verá , que a Oração produz os admiraveis effeitos de cooperar com a Graça , e obter merecimentos para novos augmentos d'ella : que satisfaz pelos peccados commettidos ; alcança o que religiozamente se
pe-

pede; corrobora o animo; illumina, e locega o espirito; e cauza outros muitos effeitos faveis. Verá, que ella tem por adjunctos inseparaveis a Fé, a Esperança, a Caridade, e o fervor; que traz consigo a pureza de vida, o amor á solidão, os bons dezejos d'agradar, e servir a Deos, o desprezo das couzas terrenas, e a estimação dos bens eternos, a humildade, a abnegação propria, a perfeita conformidade, e outras muitas virtudes. Verá, que ella tem por semelhantes as orações vocaes, a lição espiritual, e todos os mais exercicios de piedade. Verá, que ella tem por contrarios a vida dissoluta, o amor do Mundo, e o esquecimento de Deos. Achará em fim muitos lugares da Escritura, dos Concilios, e Santos Padres, que authorizem, e confirmem tudo isto,

Ora

Ora bem se vê , que reflectindo o Prégador n'estes attributos da santa Oração , de todos elles , ou dos que melhor lhe parecer , póde tirar os argumentos mais concludentes para provar a sua utilidade , e necessidade ; e para persuadir o seu exercicio.

Ainda que todos estes *lugares* podem dar huma boa prova ; e a maior ou menor fecundidade de cada hum d'elles he respectiva á materia , de que se trata ; com tudo os effeitos , e adjunctos inseparaveis de qualquer predicado , são os *lugares* mais amplos , e as *Fontes* mais copiozas , d'onde se tiraõ os melhores argumentos , e as provas mais convincentes.

Esta verdade bem claramente se descobre em Seneca. Quer elle mostrar a Novato a deformidade da *ira* : e contra ella tira dos seus *effeitos* , e *adjunctos*

Estos os argumentos mais conclusivos.

„ Pedes-me (diz elle), que *Exemplo.*
 „ te escreva, Novato, o mo-^{2.º}
 „ do de mitigar a ira. Com bem
 „ razãõ me parece, que este af-
 „ fecto deve temer-se muito,
 „ por ser de todos o mais feio.
 „ Aos mais viciozos ainda fica
 „ alguma couza de focêgo; mas
 „ o iracundo todo perturbado
 „ esquece-se de si para fazer mal
 „ ao outro; e só cuida na ving-
 „ gança, até se metter nas mes-
 „ mas lanças, que o ferem. Al-
 „ guns Sabios chamáraõ á ira
 „ loucura: ella he importante;
 „ esquecida do decóro, e das
 „ necessidades; fechada á razãõ,
 „ e ao conselho; agitada por
 „ cauzas vans; inhabil para o
 „ verdadeiro, e justo... E se
 „ melhor te queres capacitar,
 „ que saõ loucos os possuidos
 „ da ira, naõ tens mais que o-
 „ lhar para elles: pois, assim

„ como o semblante audaz , e a-
 „ meaçador , o rosto triste , a
 „ face carrancuda , a côr muda-
 „ da , as mãos inquietas , e a
 „ respiração miuda , são indici-
 „ os dos furiosos ; assim o são
 „ também dos iracundos. Os o-
 „ lhos se lhe inflammaõ : a ver-
 „ melhidaõ se lhe espalha por
 „ todo o rosto : o sangue lhe
 „ ferve nas mais intimas entra-
 „ nhas : os beiços tremem : os
 „ dentes rangem : os cabelos se
 „ eriçaõ : as mãos se movem des-
 „ compostamente : os pés ba-
 „ tem no chaõ : todo o corpo
 „ desconcertado fórma hum ter-
 „ rível objecto aos que o vem...
 „ Os mais vicios podem occul-
 „ tar-se ; mas a ira por si mes-
 „ ma se manifesta ; e quanto mai-
 „ or he , mais se patentea „.

Até aqui tirou Seneca ar-
 gumentos contra a *ira* dos le-
 us adjunctos. Elle os tira tam-
 bem dos seus effeitos , dizendo:

„Naõ

„ Naõ ha peste mais damnoza
 „ ao genero humano , que a ira.
 „ Repara: e verás proceder d'el-
 „ la as mortes , os venenos ,
 „ as mutuas offensas dos Réos ,
 „ as destruições das Cidades ,
 „ e o fim de muitas Nações. Ve-
 „ rás venaes as cabeças dos Prin-
 „ cipes debaixo d'hum disfarce
 „ civil. Verás os seus fogos naõ
 „ encerrados dentro dos muros
 „ das Cidades , mas abrazando
 „ vastissimas Regiões. Verás os
 „ vestigios , que a penas se per-
 „ cebem , de grandes Cidades ;
 „ pois a ira as destruhio. Ve-
 „ rás legoas e legoas destituidas
 „ d'habitadores ; pois a ira as
 „ fez dezertas „

Em S. Cypriano temos ou-
 tro exemplo , que com elegan-
 cia , e clareza mostra a grande
 amplidaõ d'estes *lugares*. Pré-
 ga elle contra a *inveja* : e pa-
 ra provar quanto ella he di-
 gna d'abominaçaõ , dos seus ad-
 jun-

junctos, e feitos, e comparação com outros vícios tira este argumento:

Exemplo
3.º

„ Que bicho roedor do ani-
 „ mo, ou que pestifera corru-
 „ pção das imaginações não he
 „ invejar em outro a sua virtu-
 „ de, ou a sua felicidade? abor-
 „ recer n'elle ou os merecimen-
 „ tos propios, ou os Benefi-
 „ cios Divinos? converter os
 „ bens alheios em mal proprio?
 „ e fazer da gloria dos outros
 „ a sua pena? Para os invejo-
 „ zos nenhum sustento póde ser
 „ alegre, nem bebida agrada-
 „ vel... Os outros vícios tem
 „ seu termo: e cada hum se aca-
 „ ba, consummado o delicto...
 „ mas a inveja não tem termo;
 „ he hum mal permanente; he
 „ hum peccado sem fim... D'a-
 „ qui procede trazer o semblan-
 „ te ameaçador, o aspecto car-
 „ rancudo, a face pálida, os
 „ beiços tremulos... „

N'ef-

N'estes exemplos se vê claramente, que os effeitos, e adjunctos inseparaveis de qualquer couza são a Fonte mais copioza, d'onde podem tirar-se os melhores argumentos, e mais proporcionados para persuadir, ou dissuadir.

Mas advirta o Orador, que para deduzir os argumentos, dos *lugares communs*; lhe he necessaria huma perfeita noticia, e conhecimento de tudo o que houver de ser objecto do seu discurso. E como elle ordinariamente deve tractar das virtudes, e dos vicios oppostos; dos preceitos Divinos, e Ecclesiasticos; dos Sacramentos da Igreja, e dos Mysterios da Fé; das várias obrigações dos Fieis respectivas aos differentes estados de cada hum; elle deve ser perfeitamente instruido na Filozofia Moral, na Disciplina Ecclesiastica, na Theo-

logia, para cuja instrucção lhe he indispensavelmente necessario o estudo da Escritura, dos Concilios, e Padres da Igreja (a); que são as *Fontes* puras, aonde o Orador Christão deve beber, e d'onde póde tirar a doutrina saã, e digna do seu Ministerio.

§. II.

Lugares
particu-
lares.

Os *Lugares particulares*; d'onde se tiraõ os argumentos, e que, como já disse, servem principalmente para provar a *Questão finita*, são as circunstancias particulares das Pessoas, e das couzas, de que o Orador houver de tractar.

Circun-
stancias
das Pes-
soas.

As circunstancias das Pessoas são: a *Nação*; a *Patria*; o *Nas-*

(a) Veja-se a 1.^a Part. pag. 40. e seg. nonde exponho a instrucção necessaria ao Orador, assim para elle saber o que ha de dizer, como tambem o modo de dizer bem, e de persuadir o que disser.

Nascimento, e *Ascendencia*; o *Nome*, se elle he misteriozo; o *Sexo*; a *Idade*; a *Educaçãõ*; o *Estado*; o *Habito* do corpo; a *Fortuna*; a *Condiçãõ*; os *Costumes*; a *Natureza* do animo; os *Estudos*, e applicações; a *Dignidade*; os *Talentos*; o *Genio*; e outras mais couzas, que d'estas podem deduzir-se (a).

As circumstancias das couzas, e das acções laõ: a *intençaõ*, Das couzas. com que se fazem; o *modo*, o *tempo*, a *occaziãõ*, em que se fazem; os *instrumentos*, com que se fazem; o *fim*, para que se fazem; o *lugar*, em que se fazem; e outras mais circumstancias, que d'estas se deduzem, e particulares da materia, que he objecto do discurso.

De todas ellas póde o Orador tirar muito bons argumentos para provar a *Questão finita*; porque as circumstancias laõ

I 2

d'hum

(a) Veja-se *Quintil. l. 5. Cap. 10.*

d'hum grande uzo na Arte Oratoria. Ellas expõem o verdadeiro caracter das Pelloas : por ellas se explica o estado de qualquer couza ou acção : ellas fazem as acções dos homens louvaveis , ou dignas de vituperio ; virtuozas , ou cheias de malicia : como se mostra dos exemplos , que vou a propôr.

Exemplo 1.^o Supponhamos , que pertende o Orador mostrar a grandeza da acção de David , quando matou o Gigante. Elle deve reflectir em todas as circumstancias d'hum , e outro ; examinallas com exacção , combinar humas com outras : e elle verá que todas ellas concorrem a fazer aquella acção heroica. David era de pouca idade , e de pequeno corpo : Golias era adulto na idade , e Gigante no corpo. David tinha sido creado entre a mansidão dos rebanhos , e era destituido de todo

o exercicio militar: Goliath tinha sido educado entre o ruido das armas, e era bem disciplinado na milicia. David era destituido d'armas, e desanimado de seus mesmos irmãos: Goliath tinha humas armas sem iguaes, e era animado, para o combate, de todo o seu exercito. David finalmente era do partido desafiado, que com a vista do inimigo tinha perdido o animo: Goliath era o que desafiava. Porém isto não obstante, David matou o Gigante, e triunfou dos Filisteos.

Todas estas circustancias bem mostraõ a grandeza d'aquella acção: ella não podia deixar de proceder d'hum animo verdadeiramente heroico.

Se o Orador houver de fa- *Exemplo*
 lar na prodigioza Virtude do Espi- *2.º*
 rito Santo, que desceu sobre
 os Apostolos; e nas grandes ma-
 ravilhas, que elles obráraõ, pó-
 de

de mostrar a grandeza de tudo isto com argumentos deduzidos das circumstancias particulares dos mesmos Apostolos ; dos factos , que acontecêraõ ; dos successos , com que se encontrá-raõ , e que lhes eraõ oppostos ; e dos admiraveis effeitos , que o Espirito Divino produzio n'elles com assombro de quem os ouvio , e com alegria de quem ainda hoje os pondera.

Elle verá logo com toda a clareza , que os Apostolos , antes de receberem o Espirito Santo , eraõ fracos , amadores de si mesmos , e imperfeitos : depois que a Virtude do Alto desceu sobre elles , logo ficáraõ cheios de luzes as mais vivas , do amor de Deos o mais perfeito , do zelo mais interessante , de força a mais vigorosa , e de virtude a mais sincera. Antes de serem illustrados pelo Espirito de Verdade , tinhaõ en-
ge.

genho curtissimo, e eraõ de capacidade muito limitada: mas depois as Lingoas do Fogo Divino se assentáraõ repartidas sobre suas cabeças, de repente se lhes abríraõ os olhos d'alma, e elles entráraõ na intelligencia mais profunda de todas as verdades da Religiaõ. Antes, eraõ huns homens grosseiros, sem educaçaõ, e rusticos quazi todos: depois, ficáraõ illustrados com o admiravel dom de falar várias lingoas. Antes, fugiraõ na occasiaõ da morte de seu Mestre; espalhados, e cheios de temor estiveraõ occultos com o receio d'encontrarem a sua condemnaçaõ: mas depois, de repente sahiraõ do seu retiro; apparecêraõ publicamente com tal segurança, e zelo, que nada os perturbava; reprehendêraõ os Judeos d'haverem dado a morte ao Messias; prégarãõ em toda a parte a Jesus Cru-

cificado, attestando os seus Milagres, a sua Resurreiçaõ, e a sua Divindade, sem pejo dos Doutores mais verçados na Lei, sem medo dos mesmos Principes da Sinagoga, sem temor de todo o Poder Romano conspirado para atalhar os progressos da Religiãõ. Elles em fim, como huns novos homens, se espalháraõ por todas as partes do Mundo; fizeraõ milagres portentozos: a todos os Póvos leváraõ a nova da Salvaçaõ, mostráraõ a tocha da Verdade: e dissipando as trévas, lançáraõ por terra os Idolos; fizeraõ calar os Oraculos; e fundáraõ Templos ao Deos da Verdade.

A' prégação dos Fundadores da Religiãõ logo attendem os Póvos, admirados com a novidade, tocados da unçaõ, movidos pelos milagres. O erro he abandonado; a Verdade recebida; os Chefes da Sinagoga confundidos. D'es-

D'esta forte póde o Orador hir discorrendo, e reflectindo nas muitas circumstancias d'aquelle acontecimento ; pois todas ellas conduzem a engrandecer a maravi'hoza Effuzaõ do Espirito Santo sobre os Apostolos.

Nos Santos Padres , na mesma Escritura principalmente nos Profetas , e Livros Sapienciaes , achaõ-se muitos argumentos deduzidos das circumstancias das couzas , das acções , e das Pessoas. He necessario porém , que o Orador advirta :

1.º Que sempre se devem tirar d'estas circumstancias os argumentos para provar a *Questão finita*: assim como se devem tirar dos Lugares communs para provar a *Questão infinita* :

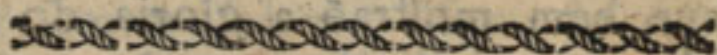
2.º Que muitas vezes se deve fazer huma artificioza passagem da *Questão finita* para a *infinita* ; e d'esta para aquella. Como quando o Orador tem de
dis-

discorrer sobre o Martyrio de Santa Ignez; elle deve primeiro tractar do Martyrio em geral, tirando os argumentos dos Lugares communs, e depois passar ao Martyrio particular da Sancta, deduzindo os argumentos dos Lugares particulares, quero dizer, das circumstancias do sexo; dos poucos annos que tinha, pois dava provas da fé mais viva, e da fortaleza mais heroica; do corpo tão tenro, que não sendo bastante para soffrer a tyrannia do ferro, teve forças para o vencer; do grande valor, com que estava sem susto entre as mãos dos algomes, immovel aos arrastamentos de cadeas, apparelhada para metter o pescoço, e ambas as mãos nos ferreos noz sem nenhum poder apertar seus membros tão tenros, e delicados: e outras mais circumstancias, que

que bem mostraõ a gloria do Martyrio da Santa.

Da mesma sorte, querendo o Orador tractar do Vicio da impureza, depois de mostrar a sua enormidade em geral, deve mostralla tambem em particular nos velhos, nos moços, nos cazados, nos Ecclesiasticos com argumentos das circumstancias d'estas Pelloas:

3.º Que ordinariamente he mais natural provar primeiro a Questão infinita com argumentos deduzidos dos Lugares communs da Invenção; e passar ultimamente á questão finita, servindo-se dos argumentos das circumstancias particulares. Algumas vezes porém será melhor principiar pela Questão finita, e passar á infinita. As particularidades do discurso farão ver, qual he mais a propozito.



CAPITULO V.

*Da Fôrma dos argumentos
Rhetoricos.*

§. I.

OS argumentos da Rhetorica (assim como os da Dialectica) tem sua *fôrma* determinada, a que se reduzem; mas fôrma muito mais ampla, que a da Logica.

*Fôrma
do argu-
mento.*

Fôrma do argumento não he mais que huma bem ordenada, e conveniente dispozição das propozições, a fim de concluir-se o que se próva. Os Logicos tem inventado certos modos d'estas dispozições, os quaes observados fazem os discursos concludentes. E como os Oradores dos seus argumentos tambem pertendem concluir, el-

elles devem da mesma fôrma dispôr as suas propozições; mas sempre com aquella amplidaõ, que distingue a Rhetorica da Dialectica.

Toda a Argumentaçãõ Oratoria, diz Cicero, se ha de tractar ou por *Inducçaõ*, ou *Raciocinaçaõ* a que os Logicos chamaõ *Sillogismo*.

Inducçaõ he, quando se propõe muitas couzas claramente certas, pelas quaes se vai subindo, até que se faça conceder aquella, de que se duvidava, pela connexãõ que tem com ellas (a).

Na Escritura (b) temos hum bom exemplo da *Inducçaõ* Rhetorica. Estando o grande Mathathithi-

(a) Eu não me limito a huma simples Logica, segundo a qual, a inducçãõ he huma argumentaçãõ, que pelas partes faz concluir o todo, e pelas especies o genero. Eu falo da Inducçaõ Rethorica.

(b) 1. Machab. Cap. 2. vers. 50. e segg.

thias proximo á morte , e querendo persuadir a seus filhos o zelo da Lei , e a esperança em Deos , elle uza d'este argumento :

„ Agora filhos sêde zelados
 „ res da Lei , e dai a vida pelo
 „ Testamento de vossos Pais.
 „ Lembrai-vos das obras , que elles
 „ fizeraõ . . . e recebereis grande
 „ gloria , e hum nome eterno. Por
 „ ventura Abrahaõ não foi achado
 „ fiel na tentaçãõ , e não lhe foi
 „ reputado a justiça ? Jozé no tempo
 „ da sua angustia observou os
 „ preceitos Divinos : e foi
 „ constituido Senhor do Egypto.
 „ Phineés nosso Pai , zelando o
 „ zêlo de Deos , recebeu o
 „ Testamento do Sacerdocio Eterno.
 „ Jozué cumprindo a palavra ,
 „ foi constituido Capitãõ em
 „ Israel. Caleb dando testemunho
 „ na Igreja , recebeu a herança.
 „ David na
 „ sua

„ sua misericordia conseguiu o
 „ Throno do Reino para to-
 „ dos os seculos. Elias zelan-
 „ do a Lei, foi arrebatado ao
 „ Ceo. Ananias, Azarias, e Mi-
 „ zael crendo, foraõ livres da
 „ chamma ardente. Daniel na
 „ sua simplicidade foi livre da
 „ boca dos Leões. E assim con-
 „ siderai por geraçaõ, e gera-
 „ çãõ: e achareis que todos os
 „ que esperaõ no Senhor, naõ
 „ serãõ já mais confundidos „

Ora bem se vê, quam for-
 te, e concludente he este modo
 d'argumentaçãõ. Os filhos de
 Mathathias sabendo, que o seu
 Deos era o mesmo, que o de
 seus Maiores, por esta induc-
 çãõ viaõ-se persuadidos, e obri-
 gados a esperar n'Elle, e ob-
 servar a sua Lei.

Raciocinaçaõ he a passagem, *Racioci-*
 que se faz d'huma propozicaõ *naçaõ.*
 para outra, que se siga da pri-
 meira. N'este modo d'argumen-
 ta-

tação, deve o Orador Evangelico fazer diligencia :

1.º Por não embaraçar-se com as miudezas da Dialectica; e muito menos limitar-se aos termos d'ella :

2.º Procurar, que a *consequencia* se siga das *premissas*; e que a disposição d'estas seja capaz de concluir:

3.º Amplificar as proposições; dando muitas vezes as suas provas; ornando-as com Tropos, e Figuras; e divagando, quando a materia o pedir, por algumas breves Digressões: fugindo sempre d'quelles termos, que ou por equivocos, ou por insignificantes, fazem o discurso languido, e pouco, ou nada concludente.

Estas circustancias bem praticadas fazem, que a *Raciocinação* seja não só fundada em huma boa Logica, e por isso conclua; mas tambem seja huma argumen-

tação Oratoria, que móva, e toque os corações. Como se vê n'este exemplo:

O que morre na impenitencia, he sem dúvida condemnado aos castigos eternos, como he artigo de Fé, do qual ninguém duvida: Para evitar a condemnação eterna, he necessario acabar a vida presente na Graça, e amizade do Creador: Todo aquelle, que passa do tempo á eternidade, ligado com a culpa mortal, morre no seu mesmo peccado; acaba inimigo de Deos, objecto do seu odio, da sua colera, e da sua justiça; como hum Antiocho, hum Rico avarento, hum Judas, e outros muitos, que são testemunhas d' esta terrivel verdade: He pois inevitavel a condemnação eterna d'aquelle, que morre impenitente.

Este exemplo dá a idéa d'hum *Raciocinaçãõ*, que conclue;

K

que

que amplifica as propozições ; e que por isso não he só *Raciocinação* simplesmente Logica , mas tambem *Raciocinação* Oratoria.

§. II.

Admittem-se mais alguns modos d' Argumentação Logica , os quaes pela sua variedade dão muita força , e ornato ao discurso : principalmente o *Dilemma* , o *Sorite* , a *Enumeração* , a *Subjeição*.

Dilemma.

Dilemma he huma fórma d' argumento , que propõe aos Ouvintes duas partes da propozição de tal sorte , que se lhes siga igual inconveniente d' abraçarem huma , ou outra. Com este argumento póde o Prégador arguir os peccadores da sua iniquidade ; dizendo :

Vós , que viveis no vosso peccado , ou tendes verdadeira Fé , ou não : se não tendes Fé , in-

infelizes Vós; a sentença de condemnação está já pronunciada (*a*) contra Vós: e se tendes Fé, porque razão amais o vosso peccado? porque não deixaes a iniquidade? porque não vos converteis ao Senhor? porque não conformais a vossa vida com a vossa crença, e os vossos costumes com a vossa Fé?

He bem clara a força d'este argumento: elle convence, e he capaz de mover. No Sermão dos Innocentes póde o Orador arguir a Herodes da sua inaudita crueldade, com este argumento: Pérfido tyranno, ou dás crédito ao Vaticinio do Profeta (*b*), e á Estrella, (*c*), que annunciaõ o Nascimento do Messias em Belem; ou não: se o não acreditas, porque razão te perturbas (*d*)? Se o acre-

(*a*) Marc. 16. 16. (*b*) Mich. 5. 2.
 (*c*) Matth. 2. 2. (*d*) Matth. 2. 3.

ditas, que loucura não he per-
tenderes tu frustrar os dezigni-
os de Deos, e queres fazer-
te superior á Divindade?

Sorite.

Sorite he hum argumento,
em que se ajuntão muitas pro-
pozições humas sobre outras,
cada huma das quaes não sem-
do sufficiente para concluir, to-
das juntas concluem com gran-
de força. Em S. Jeronymo es-
crevendo a Heleodóro temos
hum bom exemplo: quer elle
mostrar, que o Monge perfei-
to deve estar fóra da sua Pa-
tria: e para isto uza d'este ar-
gumento:

„ Nenhum Profeta tem hon-
„ ra na sua Patria. Aonde não
„ ha honra, ahi ha desprezo:
„ aonde ha desprezo, he frê-
„ quente a injuria: aonde ha in-
„ juria, ha indignação: aonde
„ ha indignação, não ha soce-
„ go... É todas as vezes que
„ pela inquietação se tira alguma
„ cou-

„ coula . . . já fica sendo menos
 „ áquelle, de quem se tira : e
 „ aonde qualquer he menos,
 „ não póde dizer-se perfeito. „

Enumeração, a que huns cha- *Enume-
 maõ Expedição*, e outros *Racio-
 cinação indirecta*, he hum argu- *ração.*
 mento, em que se expõe varias
 coulas de tal sorte, que huma se
 figa da exclusão das mais. Com
 este argumento póde o Orador
 falar a seus Ouvintes desta sor-
 te :

Para vós teres direito á sal-
 vação, deveis cumprir com as
 obrigações do vosso estado; amar
 a Deos, e ao proximo; não ter
 perdido a Graça, ou recuperalla
 pela penitencia: Mas vós não
 cumpriz com o vosso dever; não
 amais a Deos, nem ao proximo;
 tendes perdido a Graça, sem até
 agora a teres recuperado por hu-
 ma penitencia laudavel: Não
 tendes pois direito á Felicidade
 Eterna.

Este modo d'argumentar , sendo bastantemente efficaç , he muito mais forte , e mais elegante, se se ajuntar á *subjeiçaõ* ; pois assim naõ só convence , mas dá huma grande formosura ao discurso.

*Subjei-
gaõ.*

Subjeiçaõ he huma argumentaçãõ , com que nós perguntamos o que naturalmente pôde perguntar-se a respeito do que vamos dizendo ; e damos logo a resposta conveniente. O Bispo Ozorio (a) dá hum bom exemplo d'este argumento : quer elle do prolongado cativeiro dos Judeos mostrar , que o Senhor os tem desamparado pela sua perfidia ; e diz :

„ Que fazem estes infelizes
 „ homens ? que maldades com-
 „ mettem , para serem inteira-
 „ mente desamparados d'aquelle
 „ Deos , que em outro tempo
 „ ti-

(a) Lib. 1. de *Sapient.*

,, tiveraõ taõ propicio ? Sacrifi-
 ,, caõ aos Idolos ? Antes tem
 ,, horror do seu contacto. Invo-
 ,, caõ os Deoses vãos ? Mas el-
 ,, les intitulaõ-se os que veneraõ
 ,, o Deos verdadeiro. Enfure-
 ,, cem-se em crueis costumes ?
 ,, Mas elles arrogaõ a si a summa
 ,, do louvor da piedade , e da
 ,, equidade. Que pois ? Saõ ne-
 ,, gligentes em orar ao Senhor ?
 ,, Elles saõ continuos em humil-
 ,, des preces ; e naõ saõ ouvidos.
 ,, Pois se elles nem sacrificaçõ aos
 ,, Idolos ; nem invocaõ os Deo-
 ,, ses vãos ; nem derramaõ o
 ,, sangue humano ; nem se man-
 ,, chaõ com a impureza do ini-
 ,, quo engano ; porque razaõ os
 ,, desampara Deos ? ,,

Estas saõ as principaes *fór-
 mas* d'Argumentaçãõ , que daõ
 ás Orações suasorias huma gran-
 de força naõ só para convencer,
 mas tambem para persuadir. A
 estas reduzem-se outras , que al-
 guns

guns Authores apontaõ. He porém necessario, que o Orador advirta:

1.º Que estes argumentos (assim como outros quizesquer) devem propôr-se nas Orações Evangelicas, não só a fim de convencer os entendimentos, mas tambem de ganhar os coraçõs:

2.º Que devem propôr-se em termos claros proprios, e concludentes, segundo os principios d'huma boa Logica; para que convençãõ:

3.º Que não devem limitar-se á seccura da Dialectica; mas sim pôr-se em termos polidos, ornados, energicos, cheios de Figuras, e Sentenças; para que não só instruaõ, mas tambem movaõ, que he o alyo principal, a que se dirigem. Por isso tem o Orador necessidade d'estar bem instruido nas regras d'*Amplificaçaõ*.

CAPITULO VI.

Da Amplificação, e suas Fontes.

Amplificação não he outra *Amplificação.*
 cousa mais que huma ex-
 tenção, que se dá ás Orações, a
 fim de mostrar a cousa, de que
 se tracta, grande no seu genero;
 e de mover com esta amplidão
 os animos dos Ouvintes áquelle
 affecto, que o Orador pretende
 excitar.

As *Fontes da Amplificação,* *Fontes da Amplif.*
 d'onde podemos tirar o augmen-
 to para representar as cousas
 grandes, são as *partes*, que con-
 tituem o todo da cousa que quer
 amplificar-se; as *circunstancias*
antecedentes, *concomitantes*, e
consequentes; as *causas*; os *effei-*
tos: em huma palavra, os mes-
 mos *lugares*, d'onde se tiraõ os
 argumentos, servem para ampli-
 fi-

ficar, e mostrar grande qualquer cousa. Por isso n'esta materia devem observar-se as mesmas regras, que já disse a respeito d'*Argumentação*; e com applicação respectiva á materia, de que se tracta.

Partes.

Póde o Orador amplificar qualquer cousa, enumerando distinctamente todas as partes, que constituem o todo; ou ao menos aquellas, que fórmaõ a sua principal grandeza. Jeremias (a) dá hum bello exemplo d'este modo d'amplificar, tractando da destruição de Babylonia.

„ Está cativa (diz elle) toda
 „ essa grande Cidade; o seu Deos
 „ Bel confuso; Merodach ven-
 „ cido; as suas estatuas arruina-
 „ das; e destruidos todos os seus
 „ Idolos. Pois das partes do Nor-
 „ te subio contra ella gente ar-
 „ mada, e a deixou dezerta, e
 „ lo-

(a) Jerem. 50. 2. 3.

„ solitaria. „ D'esta sorte se vê o Profeta mostrando grande a destruição de Babylonia , pela confusão , e destroço d'aquellas partes , que mais a engrandeciaõ , e formavaõ o seu maior lustre.

Na mesma Escriitura (a) vemos bastantemente amplificada a desolação de Jerusalem , pela *Circun-*
vinda de Nabuchodonosor com *stancias.*
o seu exercito contra ella ; pelo cêrco , em que a pozeraõ ; pela grande fome , que os seus habitadores padeceraõ ; pela fugida occulta dos guerreiros , e do mesmo Rei ; pela prizaõ d'este , e morte de seus filhos na sua mesma presença ; pelo transporte do mesmo Sedecias prezo para Babylonia ; pelo cativeiro do Povo ; pela destruição do Templo ; pelo incendio , que o reduzio a cinzas , assim como o Palacio do
Rei ,

(a) 4. Reg. Cap. 25.

Rei, e toda a Cidade. Ora, estas circumstancias, e outras mais, de que fala a mesma Escritura, bem expendidas amplificaõ a-
quelle acontecimento.

70. Hum Padre (a), mostrando grande a invencivel constancia da Mãi dos sete Machabeos, dá-nos hum famoso exemplo d'
amplificaçaõ, dizendo:

„ Nenhuma cousa he capaz
„ de dobrar . . . a invencivel
„ constancia de seu animo : não
„ os tormentos . . . mais exqui-
„ zitos : não as terriveis rodas,
„ que se lhe mostraõ . . . não o
„ grande numero d'agudos gan-
„ chos de ferro : não as feras
„ cheias de furor, e fome : não
„ as espadas, que se afiaõ : não
„ as panellas ferventes : não o
„ fogo voraz, e accezo. Não a
„ perturba a confuza multidaõ
„ do Povo, nem os Soldados
„ ar-

(a) S. Greg. Theol. C. Reg. A

„ armados. Não desfalece ao ver
 „ despedaçados os membros de
 „ seus filhos. . . O sangue cor-
 „ rendo pela terra, e consumida
 „ de repente a flor de sua ida-
 „ de. „

Todas estas circumstancias fa-
 zem ver a grande constancia d'a-
 quella Heroína, que á vista do
 tormento de seus filhos tão for-
 midavel, e rigoroso, não desfa-
 lecia.

S. Cypriano, para amplifi-
 car, e mostrar a gravidade da in-
 veja, serve-se das circumstancias,
 que acompanhaõ, e se seguem a
 este vicio: elle diz:

„ A muito se estende o ef-
 „ trago, que faz nas Almas a
 „ inveja, vicio fecundo em pro-
 „ duzir iniquidades. Ella he a
 „ raiz de todos os males; fonte
 „ dos homicidios; seminario
 „ dos delictos; materia das cul-
 „ pas. D'ella procedem os odios:
 „ d'ella nascem os estorços te-
 „ me-

„ merarios. A inveja inflamma o
 „ vicio d'avareza , naõ deixando
 „ contentar-se com o que tem. . .
 „ Ella incita o vicio d'ambiçaõ ,
 „ naõ podendo soffrer outros em
 „ mais elevado emprego. Pela
 „ inveja rompe-se o vinculo da
 „ paz do Senhor ; viola-se a ca-
 „ ridade fraterna ; adultera-se a
 „ verdade ; e dispõem-se os ani-
 „ mos para os scismas , e para as
 „ herezias. „

Este modo d'amplificar he
 utilissimo , quando o Prégador
 pertende dissuadir o vicio , e per-
 suadir a virtude.

Cauza. O Grande Basilio , querendo
 mostrar a excessiva dôr , que os
 Santos Quarenta Martyres pa-
 decêraõ em seu Martyrio , faz
 reflexaõ no rigoroso frio , que
 lhes causou o mais vivo senti-
 mento. Elle diz :

„ Vendo o Tyranno a conf-
 „ tancia dos Martyres , e a liber-
 „ dade com que lhe respondiaõ ,
 „ ac-

,, accendeo-se n'huma furiosa
 ,, ira. Principiou logo a pensar ,
 ,, de que maquina usaria, para
 ,, que elles padecessem hum ge-
 ,, nero de morte igualmente ri-
 ,, gorosa que prolongada. . . .
 ,, Vio, que a Regiaõ, em que
 ,, habitava, era frigidissima; a
 ,, estaçaõ do tempo a mais inver-
 ,, noza. Observou a noite mais
 ,, fria, e em que os ventos Nor-
 ,, tes mais subtilmente agitavaõ
 ,, os ares. E mandando despir os
 ,, Santos, os fez estar assim no
 ,, meio da Cidade, para morre-
 ,, rem congelados. . . O corpo
 ,, nú, exposto a taõ rigoroso
 ,, frio, elle fica primeiro . . . de-
 ,, negrido pela congelaçaõ do
 ,, sangue: agita-se logo com hu-
 ,, ma especie d'effervescencia.
 ,, Os dentes batem huns nos ou-
 ,, tros: as fibras se encolhem: e
 ,, toda a maquina constrangida-
 ,, mente se contrahe. Segue-se
 ,, huma dor aguda, e huma af-
 ,, flic-

„ flicção inexplicavel, que pe-
 „ netrando até as mesmas me-
 „ dullas, causa huma intoleravel
 „ lenção. As extremidades vão
 „ destruindo-se... O calor reco-
 „ lhendo-se para as entranhas,
 „ deixa mortas as partes exte-
 „ riores; e affligindo com huma
 „ dor agudissima aquella para
 „ onde se recolhe, vai lenta-
 „ mente introduzindo a morte
 „ no todo. „

Assim continúa o Santo, am-
 plificando maravilhosamente as
 intensas dores dos Santos Mar-
 tyres, pela sua causa que he o ri-
 goroso frio, o qual tão aguda-
 mente os penetrou.

Effeitos.

Pelos effeitos de qualquer
 cousa tambem esta se representa
 grande, amplificando-a pelas
 suas boas, ou más producções.
 D'este modo amplifica S. Bernar-
 do a Consideração, pelos seus
 effeitos, dizendo:

„ A Consideração purifica o

„ en-

,, entendimento . . . rege os af-
 ,, fectos ; dirige os actos ; cor-
 ,, rige os excessos ; compõe os
 ,, costumes ; honesta , e ordena a
 ,, vida. Ella he a que dá a scien-
 ,, cia das couzas Divinas , e hu-
 ,, manas : he a que separa as cou-
 ,, zas confusas ; ajunta as disper-
 ,, sas ; esquadrinha as secretas ;
 ,, investiga as verdadeiras ; exa-
 ,, mina as verosimeis ; explora as
 ,, fallas , e fingidas. ,,

Advirta-se , que a mais plena
amplificação he a que se tira
 juntamente dos *Lugares com-*
muns , e das *circunstancias par-*
ticulares das Pelloas , e das cou-
 zas : como se yê n'este exemplo.

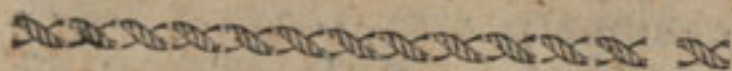
Quer o Orador amplificar , e
 mostrár grande a Conversaõ do
 Mundo feita pelos Apostolos :
 elle deve ponderar , que os A-
 postolos eraõ poucos ; plebeos
 de nascimento , e d'officio ; que
 eraõ destituidos naõ só de rique-
 zas , d'armas , e de poder , mas

L tam-

tambem de toda a instrucção, e fabedoria do Mundo: que tudo o que prégavaõ, era para o seculo difficultoso de se crer, aspero, e custoso de se praticar: que a sua doutrina era sem esperanza de premio sensível n'esta vida; objecto d'irrização para os mundanos; e sujeita aos carceres, aos tormentos, e á morte: que as Pelloas, a quem prégavaõ, eraõ em grande parte Principes, e Poderosos do Mundo. Ora estas circumstancias, e outras mais já expendidas (a), fazem ver a grande maravilha da Conversão do Mundo: bem mostraõ, que ella não foi obra dos homens. Os Santos Padres usaõ muito d'este modo d'amplificar.

C A-

(a) *Supra pag. 134. e segg.*



CAPITULO VII.

Das Fórmas , ou Modos da Amplificação.

SÃO muitos os modos d'amplificar qualquer cousa , e de mostralla em toda a sua grandeza. Mas entre elles ha huns , que com mais força , e viveza representaõ a grandeza das cousas , e muitas vezes ainda fazem mais. Estes modos d'amplificar , a que huns chamaõ *Figuras* , outros *Fórmas da Amplificação* (a) ; e que com mais especialidade conduzem para este fim , são os seguintes.

L. 2

§. I.

(a) He questaõ de nome , com a qual me uão demoro.

§. I.

*Descri-
pção.*

*De dois
modos.*

A *Descripção* he huma enu-
meração das circumstancias
particulares d'alguma cousa,
feita de tal modo, que ella se
representa com viveza na imagi-
nação dos Ouvintes. A *Descri-
pção* he de dois modos, *peçoal*,
e *real*: da *peçoal*, que não he
mais que hum *Retrato*, falarei
no §. seguinte. Agora só falo da
Descripção real, que tem por
objecto representar ao vivo
qualquer cousa na imaginação
dos Ouvintes.

A *Descripção* he das cousas
mais bellas, e mais elegantes da
Oratoria; mas por isso mesmo
ella he tambem das mais diffi-
cultosas. Aquelle Orador, que
souber descrever bem qualquer
cousa, elle sem dúvida tem os
foccorros mais poderosos para
encher o seu Ministerio; e as
ar-

armas proprias para conquistar os corações (a).

Na *Descripção* devem explicar-se as circumstancias da coufa, principalmente as que são objecto da vista: devem as *Descripções* ornar-se com tudo o que ha mais elegante na Oratoria; mas sempre com huma justa medida proporcionada á naturalidade da mesma coufa. Para isto he d'huma grande necessidade ter examinado com miudeza todas as circumstancias. Nos Santos Padres achão-se *Descripções* as mais elegantes: entre outras he admiravel a que S. Gregorio Nisseno faz da mortandade dos Santos Innocentes.

„ Porque razão (diz elle) se
 „ fulmina aquelle horrendo edi-
 „ cto contra os pobres meninos?
 „ Que crime commetterão el-
 „ les? ... Não se lhes imputa
 „ ou-

(a) Veja-se a nota pag. 188.

„ outro mais , que o de ferem
 „ nascidos. E por esta causa ha
 „ d'encher-se a Cidade d'algo-
 „ zes ? Mas quem descreverá
 „ tantas calamidades juntas ?
 „ Quem ha que possa pôr diante
 „ dos olhos com a narraçãõ tan-
 „ tas mortes , tantos estragos ?
 „ Aquella promiscua lamenta-
 „ çãõ ? A chorosa , e desconcer-
 „ tada armonia dos meninos ,
 „ dos parentes , dos pais , e das
 „ mãis exclamando contra as
 „ ameaças dos verdugos ? Quem
 „ descreverá o modo , com que
 „ os pais vendo o algoz levan-
 „ tando contra os meninos a
 „ espada nua com os olhos tur-
 „ vos , e scintilando morte , ti-
 „ ravaõ para si os filhinhos com
 „ a mão esquerda ; e submettiaõ
 „ os proprios pescoços ao fio da
 „ espada , para os não verem
 „ despedaçar em suas mãos ?
 „ Quem , quem exporá aqui os
 „ affectos dos miseraveis pais ?
 „ as

„ as implorações , exclamações ,
 „ os gemidos, e ultimos abraços
 „ aos filhos? Quem terá explo-
 „ rado as diversas faces da ini-
 „ quidade , para representar os
 „ miseraveis meninos alimen-
 „ tando-se ao peito das mãis , e
 „ recebendo pelas entranhas o
 „ golpe mortal? . . Mas ainda
 „ accresce outra circumstancia ,
 „ que faz o espectáculo ainda
 „ mais lastimoso. Como Hero-
 „ des tinha mandado tirar a vida
 „ não só aos recém-nascidos ,
 „ mas ainda áquelles que prin-
 „ cipiassem já o segundo anno ;
 „ já muitas mãis teriaõ n'aquelle
 „ tempo dois filhos ambos su-
 „ jeitos ao cruel edicto. Que las-
 „ timoso espectáculo pois , ver
 „ dois algozes occupados com
 „ huma só mãe ! hum tirando-lhe
 „ o filho , que trazia pela mão ;
 „ o outro arrebatando-lhe o que
 „ trazia ao peito ! Que duplica-
 „ da , e intensa dor a não pene-
 „ tra-

,, traria aqui , partindo-se-lhe a
 ,, natureza para sentir a morte
 ,, de dois filhinhos , que via ao
 ,, mesmo tempo arrebatados por
 ,, dois algozes , hum para huma
 ,, parte , outro para outra ! Se
 ,, ella vai para acúdir ao recém-
 ,, nascido , que com hum choro
 ,, ajuda confuso a chama ; ella
 ,, ouve o outro , que falando já ,
 ,, aindaque balbuciente , a im-
 ,, plora com ternas lagrimas.
 ,, Que fará pois a triste mãe ?
 ,, para onde se voltará ? ,,

Aqui se vê aquelle aconteci-
 mento , representado na imagi-
 nação com toda a naturalidade ,
 com hum grande artificio : e por
 conseguinte aqui vemos huma
Descripção bem viva , natural , e
 elegante.

§. II.

Retrato. **R**etrato , ou *Descripção* pes-
 soal , he huma enumeração
 de todas as circunstancias , que
 mos-

mostrão retratados ao natural o corpo, o genio, o caracter, e os costumes d'algum Povo, ou Pessoa particular. Differe da *Descripção real*, em que esta diz respeito, e tem por objecto descrever as cousas; o *Retrato* porém faz huma *descripção* das Pessoas.

Huma, e outra conduzem muito para mover os animos dos Ouvintes, que he o fim da Amplificação. Ellas fazem vêr como presentes aquelles objectos, que se descrevem: ellas os põe diante dos olhos, com viveza, e naturalidade. E como os Ouvintes naturalmente se movem mais com o que vem, do que com o que ouvem, he sem dúvida, que as Descripções contribuem com grande força para excitar os affectos.

O *Retrato*, ou *Descripção pessoal*, deve fazer-se com imagens as mais vivas, as mais express-

pressivas, as mais naturaes, e as mais proporcionadas ao objecto, que se descreve; mas com tal viveza, naturalidade, e proporção, que o *Retrato* seja em tudo conforme com o objecto. Para isto he necessario:

1.º Que o Orador tenha hum perfeito conhecimento do homem em geral, para o que necessita d'aquella parte da *Filosofia*, de que já falei (a):

2.º Que tenha huma inteira noção das circumstancias particulares, e dos predicados do fugeito, que descreve:

3.º Que fuja de tudo o que he fingimento encarecido; e só tracte o que he verdadeiro, ou ao menos, verosimel.

He digno d'imitar-se o famoso *Retrato*, que Mr. Dupin faz do Grande S. Francisco de Sales; *Retrato* igualmente vivo que natural.

„ A

(a) Part. 1. pag. 41.

„ A Igreja (diz elle) possu-
 „ hia entãõ hum Homem , que
 „ reunia em si todos os talentos ,
 „ todas as virtudes : Espirito su-
 „ blime , e delicado : Coraçãõ
 „ sensivel , e compassivo ; vasto
 „ em seus projectos : forte em
 „ seus trabalhos : modesto em
 „ seus successos : uniforme n'ap-
 „ parencia : e realmente severo
 „ em sua conducta : habil para
 „ conciliar com huma piedade
 „ natural , e facil todo o mereci-
 „ mento da perfeiçãõ Evangeli-
 „ ca. Panegyrista , e Modelo do
 „ amor Divino : Guia segura , e
 „ vivo Exemplar da verdadeira
 „ devoçãõ. Novo Moysés por
 „ sua doçura : novo Esdras por
 „ seu zelo : taõ famoso , como
 „ Josué , por seus combates : taõ
 „ formidavel , como Judas Ma-
 „ chabeo , por suas victorias.
 „ Pontifice exacto , vigilante :
 „ Prégador eloquente , solido :
 „ Escritor pio : profundo con-

„ tro-

,, trovertista : Director illumina-
 ,, do : Sabio Legislador : Flage-
 ,, lo da herezia : Vencedor do
 ,, vicio. Oraculo da Corte: ama-
 ,, do dos Reis: applaudido pelos
 ,, Soberanos Pontifices : util ao
 ,, Mundo : essencial á Igreja: An-
 ,, jo tutelar de Saboia : admira-
 ,, do , e desejado em França :
 ,, conhecido , respeitado , ama-
 ,, do em todo o Mundo : Fran-
 ,, cisco de Sales. ,,

§. III.

Defini-
ção.

Definição he a enumeração
 das propriedades de qual-
 quer cousa , ou pessoa ; a qual
 enumeração , fazendo conceber
 a mesma cousa como ella he em
 si , dá d'ella huma idéa clara , e
 distincta , e mostra a sua nature-
 za. A *Definição* consiste em nu-
 merar só aquellas propriedades ,
 que são essenciaes ao objecto ,
 que se define ; ella não deve ser
 mui-

muito extensa : por isso ella he muito differente da *Descripção*. Com tudo ella deve ser natural , viva , nobre , elegante.

Mr. Flechier define hum exercito na Oraçãõ funebre de Mr. de Turenna , d'hum modo , que dá a idéa mais exacta do que he hum exercito ; e mostra bem a sua natureza pela exposiçãõ das suas propriedades essenciaes.

„ Que he hum exercito (diz
 „ elle) ? He hum Corpo anima-
 „ do d'huma infinidade de pai-
 „ xões differentes , que hum ha-
 „ bil faz mover para defeza da
 „ Patria : huma Tropa d'homens
 „ armados , que obedecem cé-
 „ gamente ás ordens d'hum Che-
 „ fe , de quem elles não sabem
 „ as intenções : he huma multi-
 „ daõ de pessoas , pela maior
 „ parte vís , e mercenarias , que
 „ sem cuidar em sua propria re-
 „ putaçãõ , trabalham pela dos
 „ Reis , e Conquistadores : he
 „ hu-

„ huma assembléa confusa de li-
 „ bertinos , que he necessario
 „ sujeitar á obediencia ; de co-
 „ vardes , que he necessario con-
 „ duzir ao combate ; de temera-
 „ rios , que he necessario repri-
 „ mir ; d'impacientes , que he
 „ necessario costumar á constan-
 „ cia. „

§. IV.

*Paral-
 lélo.*

P*Arallélo* he o respeito de conveniencia , ou desconveniencia entre dois objectos , que juntamente se comparaõ , como pezando-se em huma balança , e examinando-se com exacção tudo aquillo , em que elles saõ conformes , ou contrarios.

Mr. Dupin , falando do Duque d'Orleans , faz hum singular *Parallélo* entre hum Conquistador , e hum homem que triunfa de si mesmo : *Parallélo* o mais elegante , o mais ornado , e o mais natural.

„ Mun-

„ Mundo injusto (diz elle) ;
 „ imputarás tu a culpa ao Du-
 „ que d'Orleans o não ter elle
 „ mais que humas virtudes paci-
 „ ficas , que tu ousas chamar vir-
 „ tudes obscuras? Mas qual he
 „ o Heróe mais digno dos nossos
 „ elogios? o que triuñfa dos ini-
 „ migos do Imperio; ou o que
 „ triuñfa de si mesmo? Recom-
 „ pensas temporaes; huma re-
 „ putação , que se limita á terra?
 „ humas accções , que não fazem
 „ grandes mais que aos olhos
 „ dos homens; hum vão desejo
 „ de gloria: eis-aqui o que or-
 „ dinariamente inflamma o ani-
 „ mo d'hum. Recompensas eter-
 „ nas; huma reputação, que vòu
 „ até o Ceo; humas accções, de
 „ que só Deos he principio; o
 „ testemunho dos dezejos, que
 „ o fervor accende, e a fé coroa:
 „ eis-aqui o que anima o outro
 „ a fazer hum eterno divorcio
 „ com todos os objectos, que o
 „ ata-

„ atacaõ á terra. Hum por seus
 „ sentimentos se mostra algumas
 „ vezes sobre a gloria , que ad-
 „ quire : o outro por sua virtu-
 „ de se mostra maior que as
 „ grandezas , que despreza. E
 „ que se percebe nas consequen-
 „ cias do primeiro ? Póvos infe-
 „ lizes ; victimas sacrificadas á
 „ ambiçaõ ; cadaveres sanguino-
 „ lentos ; Cidades saqueadas ;
 „ Thronos arruinados ; Sceptros
 „ despedaçados ; Reis vencidos ;
 „ o Universo feito hum horrivel
 „ theatro de mortandades , e de
 „ carniçarias. A conducta do se-
 „ gundo offerece incessante sa-
 „ crificios multiplicados , fra-
 „ quezas evitadas , defeitos cor-
 „ regidos , paixões domadas , o
 „ espirito sujeito , a carne mor-
 „ tificada , os sentidos pacifcos,
 „ o coraçãõ captivo , o homem
 „ todo inteiro atado á cruz , vi-
 „ ctima d'abnegaçaõ , martyr
 „ da penitencia. „

„ De-